



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**SEVERINO FÉLIX COUTINHO JÚNIOR**

**DE BENTO CARNEIRO, O VAMPIRO BRASILEIRO, A ANTÔNIO BRÁS, O  
VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL: UMA BOA E BEM HUMORADA AULA  
DE HISTÓRIA DA NOSSA HISTÓRIA**

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

**SEVERINO FÉLIX COUTINHO JÚNIOR**

**DE BENTO CARNEIRO, O VAMPIRO BRASILEIRO, A ANTÔNIO BRÁS, O  
VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL: UMA BOA E BEM HUMORADA AULA  
DE HISTÓRIA DA NOSSA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção de título de ~~Graduação~~ do curso de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

**SEVERINO FÉLIX COUTINHO JÚNIOR**

**DE BENTO CARNEIRO, O VAMPIRO BRASILEIRO, A ANTÔNIO BRÁS, O  
VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL: UMA BOA E BEM HUMORADA AULA  
DE HISTÓRIA DA NOSSA HISTÓRIA**

APROVADO EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Professor DR. Antonio Clarindo Barbosa de Souza

Orientador

*Ernando Amorim de Souza*

---

1º Examinador

*Genivaldo Bolite Ananias*

---

2º Examinador

**CAMPINA GRANDE**

**2011**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## **Dedicatória**

Aos meus pais que tanto contribuíram nessa jornada, a minha tia e a minha avó pelas noites em claros e mal dormida a minha espera para abrir a porta de casa na volta da universidade, Em especial, a Adauto: O alcoólatra e viciado em cocaína que quando criança nos domingos de manhãs sempre aparecia na porta de minha casa a passar horas bêbado e cheirado divagando sobre a sete maravilhas do mundo antigo e sua grande admiração pelo colosso de Rodes. Devo a ele as primeira injeções na veia sobre historia na minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Em especial a Antônio Clarindo meu orientador por acreditar nessa idéia desde o principio e que me aguentou durante esses anos todos, mesmo quando eu desaparecia, e agora, nas últimas horas de agonia, ainda foi capaz de me estender sua mão sempre amiga.

Aos professores que sempre me inspiraram e à minha banca examinadora formada por dois deles, nem todos me impulsionaram tão eficientemente na minha vida como vocês.

À Gaby, minha primeira banca examinadora na aula de complementação à prática.

Aos que já passaram por isso: Elys Danielly, pelo amor que sempre me deu, a Amanda Amorim, pelo carinho que sempre me dedicou, Paulo Wbiratan, pelas noites de aulas e risos proporcionados.

As velhas: Dona Edite de Caianas dos Crioulos que sempre me contou suas velhas e longas historias; Dona Maria, mãe de Aninha, que nos sábados pela manhã, ao chegar da feira livre, preparava a tilápia e retirava todas as espinhas para o gato Adônis, me contando suas historia de convivências com as Dorotéias no antigo Colégio do Rosário, à Iraci, a velha louceira, vizinha de minha casa no sítio, que às tardes, ao pôr do sol, torrava o café no caco de barro e quebrava no cacete, cada grão no pilão enquanto me relatava sua infância e discutia com a velha cega Marli, sua irmã, e eu da janela sentado com um copo de alumínio amassado acompanhava tudo rindo a espera do bom, cheiroso e fumegante café.

À Maria Gorete, a mulher que com a agulha na mão e com seus bordados sempre me contou inúmeras historias de sua vida sentada na velha cadeira de balanço, agarrada ao seu querido casaco nas tarde de inverno.

À Eliane Soares e a Paul Morten, por sempre me abrigarem em sua casa e pelas lições de moral recebidas, e pedidos de termine logo esse curso, nas noites de embriaguez na cidade maravilhosa. À você bruxa, pela amizade, carinho e amor que sempre tivemos um pelo outro desde a sua vinda e à minha chegada, pelos seus conselhos, recados, avisos e presentes.

À Suzana Cristina pelas dúvidas tiradas pelo telefone madrugadas à fora. Vocês, como sem falta, a bagaceira como se intitulavam o meu eterno terceiro ano concluintes 2008 do Criativo Colégio e Curso, às vinte mulheres que mudaram minha vida para sempre. Aprendi com elas que homem também chora e se emociona nas maravilhosas tarde de aulas de história e artes ministradas, e ao meu caro amigo e aluno Thomas, o bendito no meio delas.

Em especial a Maecio Mageni Damasceno de Santana Filho, que nos últimos anos tem me suportado, me agüentado e ofertado sempre o seu bom ombro e colo amigos nos momentos de desesperos, choro, descontroles, agonias e felicidades faça chuva ou faça sol, ele está sempre ao meu lado.

Não por último e não menos especial, a meus familiares e amigos que tanto contribuíram nessa caminhada. E como sem falta a você que vai continuar sendo assim: “Se você pular, eu pulo” lembra? Daqui até a eternidade.

## **EPÍGRAFE**

“Olho para minhas mãos. Penso na expressão “feito não por mãos humanas”. Sei o que isso significa, embora toda vez em que escutei a expressão dita com emoção tinha a ver com o que saíra de minhas mãos.”

"O Vampiro Armand"

## RESUMO

A proposta aqui mencionada busca adequar a união entre a história e a literatura, seus textos, seus documentos e personagens ambos juntos como facilitadores no trabalho do professor em sala de aula. Atualmente é presente uma necessidade de um ensino voltado, ao lúdico e à elucidação onde a informação necessária e o relacionamento entre as múltiplas vertentes possíveis da linguagem e da leitura de informações dominam o mundo. Como instrumento do presente, houve a pesquisa bibliográfica com a temática voltada para a figura mitológica do vampiro, a partir da literatura estrangeira e brasileira, para produzir uma reflexão acerca da associação da fantasia ao ensino de história, como uma disciplina que pode associar-se de maneira transdisciplinar para tornar mais prazeroso o ensino da disciplina. E a partir dessa interatividade que reside no ato do ensino e da aprendizagem, e nas mais diversas formas que se pode obter informação que juntas, ligadas, essas fontes possam caminhar na construção do conhecimento. Onde a leitura é sempre um pré-requisito no ato do aprender e na compreensão dos conteúdos a serem propostos como estudo e aprendidos pelos educandos nas mais diversas situações de aprendizagem vividas e ministradas por nós educadores em sala de aula.

**Palavras-chave: História, Literatura, Vampiro.**

## **ABSTRACT**

The proposal here mentioned seeks union between history and literature, his writings, documents, and both characters together as facilitators in the work of teachers in the classroom. Currently this is a need for an institute that caters to the leisure and clarification where necessary information and the relationship between the many possible areas of language and reading information dominate the world. As an instrument of this, there was a literature search with the subject turned to the mythological figure of the vampire, from the international and Brazilian literature, to produce a reflection of the association of fantasy to the teaching of history as a discipline that can be associated in a trans disciplinary way to make it enjoyable teaching discipline. And from that interactivity lies in the act of teaching and learning, and in many different ways that you can get that information together, connected, these sources may be walking in the construction of knowledge. Where reading is always prerequisite in the act of learning and understanding the content to be offered as a study and learned by students in various learning situations we lived and taught by educators in the classroom.

**Keywords: History, Literature, Vampire.**

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO.....09**

**CAPÍTULO I – MÚLTIPLAS LINGUAGENS: Diálogos entre a Didática, a História e a Literatura**

1.1. No tempo do “Agora eu era”.....14

1.2. Viajando nas páginas de bons livros.....21

1.3-O Vampiro pelo mundo: Cada época tem o seu vampiro ou o Drácula que merece.....26

**CAPITULO II - De Bento Carneiro, o vampiro brasileiro, a Antônio Domingos, o vampiro que descobriu o Brasil: uma boa e bem humorada aula de história da nossa historia.....40**

2.1-Afinal, o que é um vampiro?.....43

2.2-Uma boa e bem humorada aula de história da nossa história.....48

**CAPITULO III – Sequência didática .....56**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**REFERÊNCIAS**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscar apresentar novas ideias e propostas a cerca do estudo da história vinculado às obras literárias dentro da dinâmica da sala de aula onde em quantos educadores precisamos criar oportunidades para que sejam expressas todas as capacidades do alunado nas mais diversas aulas que serão ministradas por nós educadores. Precisamos atentar também para outras habilidades, propor meios, propostas, alternativas, englobando não só os conhecimentos formais, mas criações, elaborações de possibilidades e atitudes na construção do conhecimento.

Assim diante de nós surgiu a oportunidade de manusear e trabalhar em sala de aula com a obra "O vampiro que descobriu o Brasil", de Ivan Jaf presente em todas as escolas publicas do pais, livro do qual compõe a coleção literatura em minha casa disponibilizada pelo MEC as escolas de ensino fundamental e médio de nosso pais. Onde através da literatura, mas precisamente tendo como fio condutor os seus mais diversos personagens entre eles O vampiro Antônio Brás personagem principal da obra selecionada pode-se criar e elaborar diversas situações de aprendizagem e propostas para se introduzir, discutir e ampliar as visões dos fatos e do conhecimento do alunado.

A escolha aqui pelo personagem do "vampiro" em quanto mediador para as discussões não se deu, e nem, foi feita aleatoriamente. O personagem aqui escolhido Antônio Brás de Ivan Jaf possui características peculiares e marcantes por tratar e tecer critica-se opiniões aos fatos marcantes de nossa historia de forma livre e bem humorada. Outra característica marcante da nossa escolha, é que tendo em vista que nos últimos anos os lançamentos e as mais aclamadas e premiadas obras literárias lançadas tiveram esse personagem o vampiro como protagonista principal e as mesmas caíram no gosto da critica e do publico em geral e que por sua vez esse personagem encontravam se adormecido e de certa forma ganhou nova vida, não só nas paginas de novos livros, mas na telas do cinema do mundo todo. Foi

abraçado e aceito pelos jovens entrando não apenas em nossas casas como também invadindo pátios e salas de aulas ocupando espaços e lugar com os livros didáticos em estantes em mochilas escolares de nossos jovens. Jovens esses que serão nosso futuro alunado e que em quanto educadores também dividiremos espaços com esse novo companheiro o vampiro em sala de aulas.

## CAPITULO I - MÚLTIPLAS LINGUAGENS: Diálogos entre a Didática, a História e a Literatura

Sabemos que o livro didático, em muitos casos é o único, ou principal recurso que os professores dispõem. Mas não devemos compreendê-lo como único instrumento didático e não é o seu papel, de forma alguma, ser como uma coletânea de aulas prontas para serem ministradas.

A história como conhecemos, é um processo de atividades contínuas e um livro didático, por mais avançado, ou desenvolvido, não pode dar conta de uma dinâmica tão alargada, ampla e crescente das relações existentes na construção do saber dentro da sala de aula. Precisamos criar oportunidades para que sejam expressadas todas as capacidades do educando. É preciso atentar para outras habilidades, propor meios, propostas, alternativas, englobando não só os conhecimentos formais, mas criações, elaborações de possibilidades e atitudes na construção do conhecimento.

O educador, dessa forma, torna-se o grande responsável pelas mudanças no dia-a-dia escolar, sendo o seu papel integrar os mais diversos campos do conhecimento ao seu dispor, buscando uma nova forma de otimizar a relação ensino-aprendizagem, promovendo a interdisciplinaridade, inovando na grande trama educacional que são as atividades, as ações no processo desenvolvido pelo educador em suas funções.

No processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de troca, de estímulo na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidades de acesso dos alunos a novas informações, de confronto de opiniões de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformação de suas concepções históricas.<sup>1</sup>

Hoje a interdisciplinaridade é considerada uma chave mestra na discussão, na problemática da forma de organização e elaboração do trabalho escolar ou acadêmico, trabalho esse que surge com as disciplinas, a escola e o conhecimento. A interdisciplinaridade tem como objetivo criar uma nova forma de trabalho onde algumas disciplinas estabelecem relações fecundas e promissoras entre si, surgindo comunicações efetivas na construção do conhecimento, no desenvolvimento e do aperfeiçoamento das atividades docentes programadas pelo educador. Segundo Bordoni<sup>2</sup> (2005), *“a interdisciplinaridade favorecerá que as ações se traduzam na intenção educativa de ampliar a capacidade do aluno de*

<sup>1</sup>Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclo do Ensino Fundamental, p. X.

<sup>2</sup>BORDONI, Thereza Cristina. *Uma postura interdisciplinar*. Fórum de Educação: 2005.

*expressar-se através de múltiplas linguagens*". Pode-se afirmar ainda que:

O trabalho do professor consiste em introduzir o aluno na leitura das diversas fontes de informação para que adquira, pouco a pouco, autonomia intelectual.

A perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe à limitação da atuação dos professores as atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a sua formação dos alunos<sup>3</sup>.

Esse grande intercâmbio e essas múltiplas linguagens podem e deve existir segundo um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental encontrado nos PCN's: "*Saber utilizar diferentes fontes de informações e recursos para adquirir e construir conhecimentos*". Como sabemos, a leitura é um pré-requisito fundamental para o aprendizado, principalmente para o conhecimento histórico e compreensão dos fatos. Quando se lê se recebe uma determinada mensagem e como consequência se reage a ela envolvendo um trabalho de recepção, recebimento de significados e compreensão do que foi lido, estimulando os educandos a compreenderem pensamentos, explicações e conteúdos. Segundo Johann Hessen<sup>4</sup>: "*A Literatura, do mesmo modo que as demais Artes e as Filosofias, as Religiões e as Ciências, é uma forma ou tipo de conhecimento*".

A matéria-prima da Arte é a própria vida. O escritor capta o mundo como se tivesse antenas. Transmite, comunica e ajuda o leitor a conhecer o outro melhor: sobre o amor, o ódio, a fome, a guerra, a morte.

O artista fantasia, imagina e elabora uma outra realidade. Ele imita a realidade, mas a devolve, na obra, como se fosse nova.

Para o filósofo grego Aristóteles (384 a 322 a.C), imitar, representar, criar imagens é natural ao ser humano, é uma forma de experimentar o universo. A literatura é um jeito de imitar a vida por meio de palavras arrumadas de modo tal que forme uma supra-realidade, isto é, uma realidade paralela ao ambiente que foi imitado<sup>5</sup>.

Essa realidade paralela e o jeito de imitar a vida nada mais são do que o desenrolar dos personagens em suas lutas, dentro da narrativa em suas situações, contextos e diálogos. Assim como Aristóteles é citado, Castoriades também vê que o conhecimento é como um labirinto de enigmas. Mas o que faz a essência do homem precisamente é a imaginação criadora. Essa ? arte de recriar os mais diversos mundos vividos e elaborar as mais diversas condições de tempo e espaço pelas quais o homem passou, viveu, é desenvolvida pela literatura, que faz uma viagem ao passado, trazendo plenamente em alguns casos, recriando, imitando, contando

<sup>3</sup>Parâmetros Curriculares Nacionais: Volume 8. Apresentação dos Temas Transversais. : Volume 5. História e Geografia. ensino e aprendizagem de história no primeiro ciclo pag49

<sup>4</sup> CAMPEDELLI, Samira Yourseff. Literatura, história e texto. Volume I, editora saraiva 1998. Capítulo 1 linguagem carregada de significados

<sup>5</sup>CAMPEDELLI, Samira Yourseff. Literatura, história e texto. Volume I, editora saraiva 1998

os mais diversos acontecimentos, mundos e feitos ilustrados em suas obras. Mas como se dá essa noção de tempo e espaço criados pela literatura? Essa resposta nos é dada no famoso tempo do “*No tempo do ‘Agora eu era’*”<sup>6</sup> da música *João e Maria*:

Agora eu era o herói  
 E o meu cavalo só falava inglês  
 A noiva do cowboy  
 Era você além das outras três  
 Eu enfrentava os batalhões  
 Os alemães e seus canhões  
 Guardava o meu bodoque  
 E ensaiava o rock para as matinês

Agora eu era o rei  
 Era o bedel e era também juiz  
 E pela minha lei  
 A gente era obrigado a ser feliz  
 E você era a princesa que eu fiz coroar  
 E era tão linda de se admirar  
 Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não  
 Finja que agora eu era o seu brinquedo  
 Eu era o seu pião  
 O seu bicho preferido  
 Vem, me dê a mão  
 A gente agora já não tinha medo  
 No tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal  
 Que o faz-de-conta terminasse assim  
 Pra lá deste quintal  
 Era uma noite que não tem mais fim  
 Pois você sumiu no mundo sem me avisar  
 E agora eu era um louco a perguntar  
 O que é que a vida vai fazer de mim?

---

<sup>6</sup> De Chico Buarque, composição de Composição Chico Buarque/ Sivuca, 1977.

## 1.1 No tempo do “Agora eu era”

A música João e Maria de Chico Buarque (1977), citada acima, constitui-se no ponto de partida para a nossa discussão sobre o funcionamento e o uso da noção de tempo e espaço <sup>✗</sup> utilizado pela literatura. Aqui nos ateremos apenas ao que se refere à noção de tempo e espaço, ou seja, ao famoso tempo do “agora eu era” proporcionado pelo adjunto adverbial “agora”, trabalhando incessantemente dado a circunstância pelo o qual e submetido na letra desta canção de Chico Buarque de Holanda.

Já no primeiro verso ou em seu enunciado o “agora” é textualizado ou elaborado de certa forma a permitir as diversas ressignificações que vão sendo utilizadas na música através da funcionalidade da palavra: “Agora eu era o herói”. “Agora”, tem por origem ser entendido e concebido pelos cânones da língua portuguesa e das gramáticas tradicionais, do ponto de vista morfológico da palavra, como um advérbio de tempo, não tendo apenas essa função como também é utilizado como conjunção em certos usos e, do ponto de vista sintático se constitui como um adjunto adverbial de tempo, tendo em sua função nesse caso presente na letra da canção como modificador do sentido do verbo “ser”, reescrito e ressignificado no verso em “era”, pelo qual assume a funcionalidade e atribuindo-lhe uma circunstância de tempo, exprimindo uma relação a um marco temporal que se refere ao passado tido pela gramática como pretérito. Mas aqui essas relações de passado, instaura certa contradição de sentido com relação ao tempo e ao espaço pela quais as ações são desempenhadas já que para gramática o tempo do agora eu era não existe, pois não se pode estar no passado e no presente ao mesmo tempo ou vice e versa e que é pela narrativa que a literatura constrói a sua própria noção de temporalidade.

Falamos em vice e versa e em contradição, uma vez que aqui, trata-se de um elemento que, por sua função, é sempre e geralmente empregado para indicar uma circunstância de tempo presente, que elabora e modifica o sentido do verbo também no presente que o acompanha. O advérbio e a palavra que pertence à classe gramatical das palavras que modificam o verbo ou um adjetivo, ou até mesmo, um outro advérbio, e por sua vez, nunca é utilizado como modificador do substantivo, indicando assim dessa forma as circunstâncias que <sup>↙</sup> ocore e são desempenhadas pela ação do verbo.

O tempo verbal empregado aqui, entretanto, constituído no verso e na letra da canção é configurado enquanto passado; o passado, ou para ser mais preciso segundo as leis, regras, exceções e normas da gramática, é pretérito. Ou seja, temos na letra da música um adjunto adverbial “agora” que tem a função e indica uma circunstância de tempo presente e que dada

à forma como é concebido e utilizado na letra e nos versos agindo e modificando o sentido de um verbo, no caso “era”, que por sua vez se encontra no pretérito imperfeito, ou seja, passado. Isso porque:

História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressam pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a música(...)<sup>7</sup>

*Nos entenda*

As noções de tempo sempre foram motivo de discussões na história dos homens, sempre preocupados com datas, dias horas, cronologias, eras e também com relação às percepções de passado, presente e futuro, como distinguir cada um, ou como diferenciar o passado do presente e o presente do futuro. Santo Agostinho em suas Confissões tenta descrever afinal o que é o tempo e nos dá a ideia de como esse conceito é volátil e depende das condições às quais é submetido ao mesmo tempo nada, mas seria que o presente, ou seja, o agora.

O que é o tempo? Tentemos fornecer uma explicação fácil e breve. O que há de mais familiar e mais conhecido do que o tempo? Mas, o que é o tempo? Quando quero explicá-lo, não encontro explicação. Se eu disser que o tempo é a passagem do passado para o presente e do presente para o futuro, terei de perguntar: Como pode o tempo passar? Como sei que ele passa? O que é um tempo passado? Onde ele está? O que é o tempo futuro? Onde ele está? Se o passado é o que eu, do presente, recordo e o futuro e o que o eu, do presente, espero, então não seria mais correto dizer que o tempo é apenas o presente? Mas quanto dura o presente? Quando acabo de colocar o “r” no verbo “colocar”, esse “r” é ainda presente ou já é passado? A palavra que estou pensando em escrever a seguir é presente ou é futuro? O que é tempo afinal? E a eternidade?<sup>8</sup>

*Tempo*

Assim pelas leis da gramática ou do ponto de vista dela teríamos um problema de ordem semântica, de incoerência ou de concordância, pois “Agora eu era o herói” estabelece uma relação de sentido entre termos “agora” presente e “era” passado que indicam circunstâncias temporais contraditórias e, por conseguinte, impossíveis de acontecerem num mesmo espaço já que não se pode estar no presente e no passado ao mesmo tempo, tanto aqui quanto em Santo Agostinho, as noções de tempo sempre nos vão ser dadas através das circunstâncias pelas quais vão sendo desempenhadas ou submetidas. Para Paul Ricoer<sup>9</sup> “o tempo torna-se tempo humano na medida em que esta articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa e significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.”

<sup>7</sup> BARROS, Lucilvana Ferreira; FRANÇA, Iris Linny Bezerra. **Tecendo malhas: entre história e literatura.** p.2

<sup>8</sup> CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia** Ed. Ática, São Paulo, 2000, p. 117.

<sup>9</sup> RICOER, Paul. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus: 1994, p. 15.

Dessa forma a circunstância de tempo e espaço estabelecida entre o “agora” e o “era” no enunciado de histórias literárias e nos versos da canção não é mais de um tempo real, cronológico, com começo, meio e fim, mas de um tempo em que os limites inicial e final são imprecisos não são determinados. Ou seja, são elaborados tratados e vividos na verdade como uma marcação temporal com valor de presente, que além de situar o evento do qual fala com relação ao momento em que fala, está estreitamente ligado a momentos distintos. Cria, elabora pensa e domina um evento num tempo e num espaço ficcional.

“(…) narrar é contar uma história, e contar uma história é desenvolver a experiência humana do tempo. A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação.”<sup>10</sup>

Tempo ficcional esse que, por sua vez, sofre e é (ressignificado) e reforçado em toda a música pelo emprego dos verbos no pretérito imperfeito, criando assim um tempo irreal, inexistente, hipotético. Neste caso, o tempo do “agora eu era” utilizando na canção de Chico Buarque e também pela literatura, só nos é possível por ser formado pelo que se diria de palavras polivalentes ou conotativas, ou seja, de palavras que por sua vez podem assumir e ter mais de um significado que representam e constituem mais de uma face de uma mesma realidade e que se caracterizam ou tem como base, quando interligadas, a capacidade de transmitir diversas significações permitidas pela sua ambigüidade.

Por isso, as palavras utilizadas na letra da música, em textos, poesias e obras literárias das mais diversas formas têm uma linguagem carregada de significados e são por sua vez resultado de uma intenção e arranjos desempenhados pelos escritores, são conotativas, palavras que nascem e surgem de toda uma experiência pessoal, subjetiva, carregada e cheia de emoções, resultado permanente de associações que representam algo mais do que os seus meros significados atribuídos e representados por seu estado de dicionário. Não há palavras ditas poéticas são os arranjos ou a forma como são organizadas que transformam os textos e as palavras em literatura.

(...) o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da língua; pode criar ritmo inesperado e explorar sonoridade entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoque, conotações, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade.

<sup>10</sup> NUNES, Benedito. Narrativas históricas e narrativas ficcionais. In: RIEDEL, Dirceu Cortes (org.). *Narrativas: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p.9-35.

✂ Para além do discurso poético, falar de literatura pressupõe recorrer à ficção. sempre que entramos no plano da ficcionalidade, abdicamos da tentativa (válida) de ver o mundo do ponto de vista da objetividade (vê-lo pelo viés do “não-sujeito”), da lógica sistemática e do pensamento analítico em resumo, o modelo “científico” característico dos livros didáticos-informativos. Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia (AZEVEDO, 2004, p. 40).<sup>11</sup>

Para Regina Machado<sup>12</sup> o tempo do “*agora eu era*” é possibilitado apenas pela literatura e brilhantemente utilizado por Chico Buarque de Holanda canção João e Maria, seu “*agora eu era*” é impossível dentro dos canones da gramática, sendo assim, o tempo impossível e fora de encaixe do cotidiano, da história, do datado, do cronológico e do espaço. Mas que por sua vez, faz sentido no campo do imaginário tão presente nas tramas da literatura quando enveredamos por mais um romance, um conto, uma crônica, um texto, um livro, criando assim sentido em um espaço dominado pela representação e pelo imaginário. Este através de percepções, imagens internas no curso da leitura, vai dando sentido a essas experiências no ato de ler. Para MACHADO (2004, p. 22):

Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas a minha incerteza no lugar onde a norma e a regra – enquanto coerção da exterioridade do mundo – não chega.

Mas, em nosso caso devemos estar atentos e mesmo interiorizados da narrativa. Despertar e atentar para realidade expressa e os fatos que nos interessam dentro desse mundo encantado e utilizá-lo para o nosso estudo, quando voltarmos à nossa realidade e às nossas discussões sobre o fato e experiências humanas e históricas presentes nas obras literárias.

Trabalhar e manusear textos literários nos possibilita uma infinidade de experiências configuradas e apreendidas no ato da leitura que desempenha em cada indivíduo a construção de conhecimentos e de experiências comuns de um texto através de infinitas possibilidades e pontos de vista de um mesmo ou determinado momento e fato. Asseveramos neste caso, que a “A literatura aparece geralmente, como um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. Ela é o discurso sobre o que poderia ter sido(...)”<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> AZEVEDO, Ricardo; SOUZA, Renata Junqueira (orgs). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. COLEÇÃO FORMAÇÃO DE LEITORES E RAZÕES PARA LITERATURA. p. 40.

<sup>12</sup> MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004. capítulo I paisagem vista da janela pag 24

<sup>13</sup> BARROS, Lucilvana Ferreira; FRANÇA, Iris Linny Bezerra. **Tecendo malhas: entre história e literatura**. P. 3.

Quando ouvimos um conto-adulto ou criança, temos uma experiência singular, única, que particulariza para cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que se organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do “era”. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. Pois, se não fosse assim, como seria possível que compreendêssemos uma história de cinco mil anos como a epopéia de Gilgamesh ou a versão da Cinderela dos índios algoquinos da América do Norte? Por que essas histórias falam para nós, fazem sentido, independentemente de conhecermos qualquer coisa que seja sobre a Suméria de quatro mil anos atrás ou da cultura indígena americana? À medida que ouvimos a história, somos transportados para “lá”, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou cada leitor. “Era uma vez” quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – como o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a personifica.” (MACHADO, 2004, p. 23).<sup>14</sup>

O trabalho com a leitura possibilita um manejo com várias probabilidades e meios de aprendizagem que não são comuns, pelo caminho da pedagogia. É um conjunto de manifestações possibilitadas por meio de cada aventura desempenhada pelos personagens a cada momento vivido na trama, que através das emoções e sentido refletem automaticamente no ato a quem ler, tal como o aperto ou ao aumento da batida cardíaca presente quando se “está” presente numa cena de sentimentos, ação, medo, guerra ou luta. São sentimentos, causas e efeitos como esses e outros sentidos, que por serem lidos possibilitam o entendimento do momento do fato o qual está sendo vivido e interiorizam o mesmo. Assim, servem de fio condutor para um melhor aprendizado do conteúdo ao qual está sendo submetido pelo ato da leitura, presente nos textos que são manuseados pelos alunos.

Assim “se admitimos que o poder básico da imaginação seja o de configurar imagens, é mais difícil perceber que sua função primordial é configurar significados, responsáveis por um genuíno e pessoal processo de aprendizagem. “Sendo assim um único e simples ato de ler é um trabalho que possibilita vários meios e formas flexíveis que podem ser utilizados para aprendizagem, num processo que envolve percepções, intuição e sensações numa ação conjunta, onde variadas situações ridículas, perigosas, enigmáticas, encantadas, amorosas, desafiantes, fracassos, exposição, despertam perguntas, descobertas, questionamentos e assim a procura por suas respostas, possibilitando a formação do pensamento no processo de aprendizagem de forma crítica e abrangente refletindo em nossa realidade e em nosso mundo em sua imensa multiculturalidade.

Segundo Machado (2004) quando estas questões vêm à tona, emergem e são trabalhadas, entendendo que ambas viveram e participaram da mesma no ato da leitura ao

<sup>14</sup> MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004. pag 23 capítulo 1. Paisagem vista da janela

lado ou na pele dos personagens enquanto “vilões” ou “mocinhos” ou mesmo, enquanto espectadores dos fatos possibilitam que ambos voltem para seu próprio tempo histórico, revigorando e dando sentido a essas experiências e assim dando valores e significados às mesmas, enfrentando com discernimento as diversas relações humanas, conflitos, divergências, crises, lutas, regras, modos, sentido, presentes no mundo de hoje e nas discussões em destaque. “Uma história é uma ideia narrativa em desenvolvimento. Assim como um trem tem uma locomotiva que puxa todos os outros vagões eles estão ligados, também a história tem um núcleo inicial a partir do qual ela se desenvolve até o desfecho final”.

São esses elementos que quando reconhecidos e trabalhados possibilitarão um instrumento pedagógico riquíssimo que se encontra adormecido em cada narração à espera de serem acordados e utilizados, são esses contatos com cada momento narrativo que proporcionam as diferentes ênfases, intenções, qualidades e aprofundam os significados dos fatos em estudo, deixando de ser apenas uma sucessão cansativa de palavras no papel ou no livro e passando a interagir com o leitor e ambos conseguem interagir um com o outro, proporcionando nessa aproximação um grande compreensão de significados do fato, refletindo assim, não só na obra, mas na vida de quem a lê, fazendo com que as condições internas se transformem durante o tempo e nos momentos de aprendizagem.

Enquanto se debruça sobre a variedade de situações, palavras e questões na narrativa, a pessoa vai sendo trabalhada, por assim dizer, pelo momento das histórias. Suas imagens internas multiplicam-se, avivam-se, tornam-se eloquentes, constituindo uma crescente familiaridade com a paisagem narrativa. Ao mesmo tempo, na ação educativa, por exemplo, é possível escolher melhor que tipo de história é mais adequada para situação de aprendizagem de um determinado grupo de alunos. Se eu conheço três ou quatro histórias apenas, aquelas mesmas que as crianças já ouviram mil vezes, fica difícil desenvolver um trabalho eficiente com meus alunos.<sup>15</sup>

Segundo Marisa Lajolo<sup>16</sup> “livros são territórios livres, espaços que se tornam familiares, seguros, acolhedores para o leitor”, mas essa relação pode proporcionar uma experiência de aprendizagem onde essa “solidão partilhada com silenciosos seres de papel e tinta que habitam as páginas dos livros são uma das grandes belezas da experiência da leitura literária.”

<sup>15</sup> MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004 (p. 75).

<sup>16</sup> AZEVEDO, Ricardo.; SOUZA, Renata Junqueira (org). **Caminhos para a formação do leitor**. 1a edição. São Paulo: DCL, 2004. COLEÇÃO FORMAÇÃO DE LEITORES E RAZÕES PARA LITERATURA. Marisa Lajolo :Carlos Drummond de Andrade:uma história exemplar de leitura pag 13

O trabalho com a imaginação pode manter viva a chama da flexibilidade. Trazendo e valorizando a ação da leitura em quanto meio e veículo, nesse caso, o livro, como objeto de aprendizagem, tornando-o em território livre, espaços onde sintam-se à vontade, familiares e seguros, aconchegantes, acolhedores, firmes e gostosos para o leitor levando-os a situações desafiadoras.

## 1.2. Viajando nas páginas de bons livros

Mas o que seria um leitor? Apenas uma pessoa que se debruça no momento da leitura ou sobre um amontoado de papéis impressos ou pessoas que gostam de boas histórias, de novos mundos imaginários ou não. Para Azevedo (2004) leitores são “simplesmente pessoas que sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes “literaturas” científicas, artísticas, didáticas, informativas, religiosas, técnicas entre outras existentes. E eles conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico: ou uma obra filosófica de uma informativa. leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefícios próprios, ou seja, por motivação estética, seja para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

Toda literatura é importante e por sua vez tem todas as suas razões de ser e suas diferenças entre se afastar ou aproximar os leitores. Dessa forma é imprescindível que hoje entre os leitores e a literatura haja uma relação de apego, comunhão, interesse, identificação entre ambos e uma liberdade de opinião expressa no ato da interpretação. Por sua vez, um texto literário reage perante o leitor de variadas formas e interpretações, levando-o assim a ter e a possibilitar vários pontos de vista de um mesmo elemento, um mesmo fato, um mesmo objeto, ao contrário de uma literatura informativa ou didática que nos conduz ou nos leva a uma mesma certeza a uma mesma interpretação, ao contrário do texto literário que possibilita uma variante e múltiplas leituras, a literatura por sua vez abre um leque com uma gigantesca trama de significados.

(...) Note que justamente por abordar o contraditório, a literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizados previsíveis e abstratos – além de “politicamente corretos” - típicos dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mais complexos e paradoxos, mergulhados num constante processo de modificações e empenhados na construção de um significado para suas vidas (...). A literatura, o discurso político e ficcional, quando respeitadas suas características, entre as quais, ressalta mais uma vez, inclusa a possibilidade de poder abordar o contraditório, permitir a identificação emocional entre a pessoa que lê o texto, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas possam florescer.<sup>17</sup>

Dessa forma, então, nos é presente uma necessidade de um ensino voltado à elucidação em que residam nas informações necessárias ao relacionamento entre as múltiplas vertentes e interatividades que comportam no ato da leitura e dos conteúdos a serem propostos como estudo e aprendidos pelos educandos. Sendo assim, não nos resta dúvida de que os

<sup>17</sup>SOUZA, Renata Junqueira de. Formação de Leitores e razão para a Leitura. 1a edição. São Paulo: SCL, 2004. pp. 44.

diferentes processos de leituras permeiam todas as ações e fazem parte de todo o processo de construção do conhecimento dos educandos.

No tocante ao processo de ensinar-aprender a ler, são atividades que desempenhamos durante toda a nossa vida nas mais inimagináveis situações no nosso dia a dia. E estamos até agora ensinando aprendendo e lendo, pois ensinar aprender e ler são como já vimos, no decorrer e no processo de toda essa nossa discussão o sustentáculo na construção do conhecimento. E o educador, por sua vez, diante do mundo em que vivemos de mudanças rápidas e de um rápido processamento de informações ao alcance de todos, deve sempre desaprender para aprender e ler continuamente ao longo de sua vida, não apenas os textos acadêmicos, didáticos e informativos, entre outros, mas deve atentar também para a grande gama de textos literários que são produzidos e podem servir de auxílio à sua aprendizagem e ao ensino no processo de construção do conhecimento, desempenhado pelo mesmo junto a seus educandos.

É relevante também, que nos últimos anos, as melhores produções literárias, os mais premiados, todos ou todas em sua maioria, tanto nacionais, como internacionais, polêmicos ou não, utilizam-se de um enorme contexto histórico para ambientar e abrilhantar seus enredos, com enormes recortes de acontecimentos e fatos históricos e assim basta um primeiro contato com essas obras para chegarmos essas conclusões.

Basta um primeiro contato com a literatura para termos a ideia de que suas obras são diferentes, não apenas pelo autor e pela época, mas também pelo conteúdo e forma. Os *Lusiadas* é um longo poema heróico ou épico, com seus "cantos" constituídos por algumas dezenas de estrofes de oito versos ou oitavas; a *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias é um pequeno poema, subjetivo ou lírico; *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, é uma longa narrativa, romanesca e de fundo histórico; e *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, é uma obra escrita para ser representada, e daí ter uma estrutura teatral. Partindo da ideia de que as obras são diferentes no conteúdo e na forma, não é difícil chegarmos à conclusão de que tais elementos, se de um lado as distinguem, de outro não impedem que se assemelhem a outras, com mesmo tipo de conteúdo e de forma, e venham a constituir com elas um grupo, com determinadas afinidades entre seus elementos<sup>18</sup>.

Elementos que quando analisados, vistos com um olhar mais aguçado tornam se possíveis de transformá-los numa perspectiva metodológica e utilizá-los didaticamente no âmbito escolar. Sendo levados diretamente ao encontro do alunado de acordo com o conteúdo ministrado ou através de eixos temáticos tão difundidos e divulgados como um grande aliado dos educadores pelos PCN's.

<sup>18</sup> AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo: Clássico científico, 1964.

(...) mesmo que os literatos a tenham sempre produzido sem um compromisso com a verdade dos fatos, construído um mundo singular que se contrapõe ao mundo real, é inegável que através dos textos artísticos, a imaginação produz imagens, e o leitor, no momento em que, pelo ato de ler, recupera tais imagens, encontra uma outra forma de ler os acontecimentos constitutivos da realidade que motiva a arte literária.<sup>19</sup>

As artes, entre elas, a literatura, têm por objetivo responder a múltiplas experiências e necessidades humanas de romper barreiras e limites do senso comum e por sua vez ver, enxergar a realidade humana de uma maneira diferente, mais elaborada e profunda. O escritor recria as coisas em imagens e o educador por sua vez deve atentar a essas múltiplas experiências e discussões presentes nas obras literárias, desenvolvendo atividades de observação e interpretação onde as palavras serão utilizadas como material para a criação de uma supra ou de uma nova realidade que existe apenas no limite de suas próprias fronteiras e convenções, mas que por sua vez desempenha e mantém relações de verossimilhanças e contraste com a realidade empírica. Ou seja, “(...) não diferem o historiador e o poeta por escrever versos e prosa (...), diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”.<sup>20</sup>

Em muitos casos, nem sempre a dimensão ficcional das obras literárias transparece. Por sua vez a literatura, como qualquer outra forma ou outra fonte de conhecimento, é um relato, um testemunho de sua época. Temos como exemplo a nossa literatura que foi utilizada como um caminho possível para a recuperação da nossa história a partir do período imperial. Não podemos esquecer a literatura contemporânea, como exemplo dela temos as crônicas publicadas diariamente nos jornais desde o final do século XIX, que podem ser utilizados para uma maior compreensão do momento histórico. Não tendo apenas uma representação, uma versão do presente, mas como uma captação dos movimentos, das transformações cotidianas, uma antecipação do rumo da sociedade. Assim “A literatura, nessa perspectiva, exprimiria o verossímil (a impressão de verdade, não necessariamente falsa, que se inclui no espaço ficcional), enquanto a história pretenderia o verdadeiro (no sentido da representação do acontecimento particular)”.<sup>21</sup>

No gênero ficção, as leituras das obras escritas em tempo diversos podem, e devem, ser moldadas e transformadas em instrumentos importantes no aprendizado e na elaboração

<sup>19</sup> MENDONÇA, Carlos Vinicius Costa de & ALVES, Gabriela Santos. **Os desafios teóricos da História e Literatura**. 2002. Disponível em: [http://www.uol.com.br/história\\_viva/artigos/literatura\\_e\\_história.html](http://www.uol.com.br/história_viva/artigos/literatura_e_história.html) Acesso em: 20 maio 2010.

<sup>20</sup> ARISTOTELES. Poética. In: SOUZA, Eudoro de (trad.). **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 443-471.

<sup>21</sup> AQUINO, Ivânia Campigotto. **Literatura e história em diálogo: um olhar sobre Canudos**. Passo Fundo: UPF, 1999, p16.

do conhecimento e do saber. Assim como qualquer outra fonte a literatura ficcional nos possibilita uma reconstituição de vários elementos que interessam à história, encontrados dentro dos seus mais diversos gêneros: romance, conto, crônicas, poesias. Podendo resultar em um trabalho interdisciplinar entre os educadores e educandos de História, Literatura e Língua Portuguesa.

Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiador a literatura é enfim, testemunho histórico.<sup>22</sup>

Mas, quais elementos interessam à História? Entre eles podemos citar alguns:

1. Costumes das sociedades representadas, seu cotidiano e modo de vida em geral;
2. A inserção social e análise do papel desempenhado dos personagens;
3. Relações sociais, familiares, do poder, dos preconceitos, da política, etc.
4. As paixões e as emoções humanas e a busca pelo auto conhecimento
5. As tentativas de compreender nossas identidades (quem somos) e a construção da voz pessoal e as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro de que se fala.
6. As utopias individuais, as coletivas, a mortalidade, a sexualidade e suas relações afetivas essencialmente subjetivas, corporais e emocionais.
7. A complicada relação distinta entre realidade e fantasia, juntamente com sua temporalidade e o envelhecimento, nascimento e suas íntimas implicações que decorrem desses fatos.
8. As grandes e inúmeras intrincadas questões éticas, juntamente com a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto
9. Enfim o contexto no qual se desenvolve e se passa a história.

Ao recomendar um livro ou um trecho, o educador precisa tê-lo lido, considerando as necessidades de contextualização do livro junto ao trabalho desenvolvido com os educandos. É conveniente nessa análise considerar o autor, atentando para o recorte da realidade que foi utilizado, se fez seleções e a observou sob um determinado ângulo. Isso lhes possibilitará reconhecer e analisar o lugar social de quem a produziu e quais pontos podem ser utilizados.

Devemos atentar também sobre a forma de narrativa, observando os diálogos, as legendas e as falas. Esses recursos nos revelam as mais diversas formas e maneiras de se contar uma história. Que pode ser enriquecida por algumas indagações:

<sup>22</sup> CHALHOUB, Sidney.; Pereira, Leonardo Affonso de M. (orgs). **A história contada**: capítulo de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

- ✓ Época em que se desenvolveu; quais imagens foram construídas pelo autor sobre as questões e temas abordados no decorrer da obra?
- ✓ Como as experiências são vivenciadas pelas personagens? Que valores eles expressam?
- ✓ Atentar para os elementos mais significativos demonstrados tais como: os conflitos são narrados e de qual perspectiva?
- ✓ Como é elaborada e abordada a temporalidade? As relações e aspectos como cenários e pessoas através das experiências dos personagens? (vestuário, costumes, modo de falar, alimentação, casas, ruas, paisagens, cidades, edificações variadas, etc.)
- ✓ Quais as versões ou compromisso desempenhados pelos personagens e grupos sociais? E quanto ao seu caráter: compromisso ou denúncia?
- ✓ E, por último, relacionar os aspectos e o contexto histórico, desenvolvidos pelo autor no livro no decorrer da narrativa com conteúdos históricos ministrados e discutidos na sala de aula.

Mas de que forma isso se tomaria possível já que é do nosso conhecimento que a maioria do alunado não compartilha e não tem o hábito da leitura. Que agentes motivadores seriam possíveis e cabíveis para que tal proposta defendida possa ser concretizada na vivência educacional do aluno?

Foi diante desse desafio que nos surgiu, a idéia de utilizar os personagens das narrativas como fio condutor e motivador na busca do conhecimento. A proposta acima defendida utilizará como base para a compreensão a imagem do "Vampiro" como personagem mediador. Observamos vários personagens e chegamos a conclusão que a figura do "Vampiro" se encaixa perfeitamente nesse perfil por vários motivos e características peculiares a tal personagem. Mas porque se sobressai tanto a imagem do vampiro no meio de vários outros seres e personagens que também desempenham um relevante papel nesse cenário tão presente em nossas vidas? A resposta é simples: Desde o surgimento do livro Drácula, de Bram Stoker que sistematicamente independentemente de idade leitores cedem às histórias e contos vampirescos, proporcionado tanto por novos e velhos escritores sem contar com o fascínio desempenhado pela adaptação dessas obras para o cinema e outros meios de veiculação que encanta desde crianças a jovens e adultos. .

### 1.3-O Vampiro pelo mundo: Cada época tem o seu vampiro ou o Drácula que merece

E assim, as mais diversas histórias de vampiros conhecidas são incluídas na categoria de mitos tidos como duradores que, são incessantemente recontados de formas diferentes e diversas em cada era, em cada década e que por sua vez diz muito sobre o espírito de seu tempo e continua encantado não só crianças, jovens e adultos pelo mundo. Os primeiro relatos de historia sobre vampiros que temos conhecimento surgiram por volta do século 12 levando em conta por mais de 200 anos a superstição sobre os mortos vivos que se levantam logo após o por do sol e se espalhou por toda a Europa. Mas a lenda só começou a vira<sup>r</sup> objeto de estudo e interesse cultural no inicio do século 19 com a publicação do conto The Vampyre de John Polidori para a publicação inglesa New Monthly(1819) onde um nobre errante e jovem seduzia as mulheres inocente para sugar seu sangue.

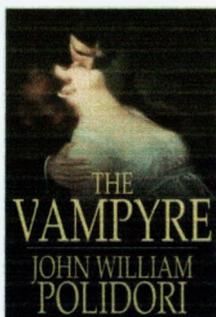


Imagem 1:Livro The Vampyre de John Polidori

Fonte: <http://shereadsnovels.wordpress.com/2010/09/11/short-story-the-vampyre-by-john-polidori/>

Por sua vez, a sua primeira encarnação ou aparição literária importante só se deu, no entanto com um certo vampiro nada sedutor e monstruoso conhecido até os dias de hoje. Drácula durante a era vitoriana personagem do romance de Bram Stoker(1897) confrontando assim as morais puritanas e servindo para por medo e aterroriza as pessoas com suas características monstruosas foram aumentadas e usadas na primeira versão do Drácula para o cinema representada por Bela Lugosi (1931) mesmo tendo aspectos elegantes e nobres charmosos e formais virando assim a figura “icônica do vampiro-mor”. O primeiro filme sobre vampiros de que se tem notícia é mudo, tem cerca de dois minutos de duração e data de 1896.



Imagem2: Bela Lugosi Dracula no cinema

Fonte: WICKEDTWINS, 2006.

O vampiro, como o conhecemos de dentes caninos afiados com mordidas no pescoço, só ganhou esse aspecto no final dos anos e da década de 50 quando foi interpretado pelo ator Christopher Lee, demonstrado em cena sua força pela elegância da mordida no corpo de sua vítima. A figura do vampiro chegou ao seu apogeu de brilhantismo ao público tanto jovem e adulto durante a década de 60 onde esses seres românticos e sedutores puderam de vez se expressar livremente sendo *Nosferatu*, o *Fantasma da noite* de Werner Herzog (1979) o principal representante dessa época encenando por Klaus Kinski. Outro personagem importante é o *Drácula* de Francis Ford Coppola (1992) onde o personagem equilibra elementos de sedução e elegância em cena em busca do amor eterno um vampiro com o sentimento humano.



Imagem 3:Fotograma

Fonte: WORDPRESS, 2009.

Na literatura com menos expressão, mas também presente com tanta qualidade quanto o romance de Stoker a obra *Carmilla*, escrita por Sheridan Le Fanu (1814-1873) segundo Melton (1995, p.102), “o fato de que o vampiro era capaz de se entrosar na sociedade sem ser notado”. Presente nesta obra que antecedeu o *Drácula* foi fonte de inspiração a Stoker em seu romance. Os vampiros também foram publicados na forma de história em quadrinhos. Na década de 50 do século vinte, nos Estados Unidos o que se espalhou pelo mundo e assim

despertou o interesse desse personagem não só nas crianças como nos jovens de todo o mundo.

Mas, foi em meados dos anos 70 que os vampiros ou “mortos-vivos” conquistaram e entraram de vez na vida do grande público mundial, na América inclusive aqui no Brasil pelas páginas de história em quadrinhos publicadas pela Bloch Editores contando através dos quadrinhos as aventuras macabras e Histórias reais do já famoso conde Drácula, que obtinham grande sucesso com o público adulto e também grande sucesso entre os adolescentes, tendo sido comercializadas por quase duas décadas

.Outro personagem que também fazia grande sucesso na época e que até hoje continua com grande vigor o Batman, ou o “homem morcego” um dos heróis mais populares no mundo ocidental, no século XX, também dava as caras por aqui em terras brasileiras ao lado do conde Drácula. Batman por sua vez também é relacionado, de certa forma, com a figura e a imagem do vampiro.

Segundo Gordon Melton (1995, p.49), “a clara associação de Batman com o Drácula devia estar na mente de seus criadores, porque nos escassos quatro meses após sua aparição inicial, ele deu com um vampiro numa história de dois capítulos (...)”. Possivelmente daí surgiu essa relação e não sendo apenas e nem muito menos à toa que este herói que nasceu nos quadrinhos é caracterizado como um homem-morcego. Esses personagens apareceram em publicações como “revistinhas” de nome *A tumba de Drácula*, *Aventuras macabras e Histórias reais de Drácula*, que por sua vez obtiveram por exemplo, grande fama e fizeram muito sucesso entre os adolescentes, o nosso mais famoso vampiro o Drácula chegou a enfrentar heróis como Bruce Wayne na revista de histórias em quadrinhos intitulada *Drácula*, (1982) e o Homem-Aranha na revista em quadrinhos chamada *Drácula versus Heróis Marvel*, (1995).



Imagem 4: *Drácula versus Heróis Marvel*

Fonte: SEBODOMESSIAS.COM, 2010

Outros personagens também tiveram sua vez de vampiro e ares de morto vivo em historinhas em quadrinhos. Pode se mencionar, entre eles, o pato Donald, personagem já aclamado pelo público e tão presente no mundo infanto-juvenil sendo um dos mais famosos do mundo Disney, nesta história em quadrinhos o pato Donald luta contra um arquiinimigo intitulado de o Conde Patrícula (*Almanaque Disney*,1986).



Imagem 5: Conde Patrícula, Disney.

Fonte: <http://www.misteriojuvenil.com/forum>

Atualmente no Brasil, pode se encontrar muito mais de 200 títulos sobre vampiros e com a temática presente dos mortos vivos à disposição dos curiosos e dos diversos leitores, essas obras podem ser encontradas tanto em livrarias como em bibliotecas públicas e de autores diversos tantos livros e revistas de autoria de escritores nacionais ou estrangeiros. Para Gordon Melton (1995, p.460), “no decorrer dos anos 80, o índice de produção de literatura destinada ao público juvenil estava aumentando gradativamente”. A Coleção Draculinha de Telles e Pereira por exemplo, é uma coleção de livros infantis onde a personagem Draculinha, membro da família chamada Morcegal, ligada e “unida pela mesma mordida”, sofre por não querer participar dos costumes vampirescos, preferindo jogar futebol a sair com sua irmã Dracunilda para morderem alguns peçoços fruto e presente no universo infantil dessa época. Dessa época também temos Dráuzio(1984), um outro vampiro do universo infantil é uma criança que também vive um momento de desajuste em sua familiar, o mesmo inclusive, se expõe ao sol, indo contra as tradições e princípios vampirescos de personagens importantes como o conde Drácula.



Imagem 6: Livro da coleção Draculinha de Telles e Pereira

Fonte: COTACOTA.COM.BR, 2005.

Outro gênero também difundido entre os jovens e os adolescentes são os Role Playing Games (RPGs) *Vampiro: a idade das trevas* (1998) e a principal obra desse gênero. Em meados do ano de 1992, nos Estados Unidos, o filme *Buffy, a caça-vampiros* (*Buffy the vampire slayer*), dirigido por Fran Rubel Kuzui deu origem a uma série de mesmo nome exibido, entre outros países, e aqui no Brasil. Até mesmo a famosa pantera cor de rosa e o camundongo Mickey também tiveram os seus dias e ares de mortos vivos.

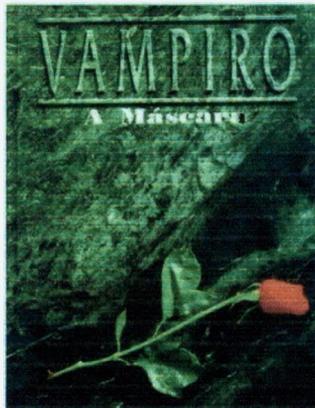


Imagem 7: Livro A Máscara,

Fonte: GRIFONOSSO.COM, 2011.

A pantera cor-de-rosa no curta animação chamado de *Pink Plasma*, se hospeda numa estranha moradia, cujo o dono é o Conde Drácula já o camundongo Mickey ícone da Disney, no longa metragem os vilões se apresenta trajado de vampiro.

Atualmente esse mesmo personagem Drácula foi inspiração do trabalho de Elizabeth Kostova, consumindo dez anos de pesquisa pela autora ao misturar fatos, fantasia e trabalhos acadêmicos referentes a lenda do famoso conde Drácula, culminado como o romance intitulado “o historiador”, ganhador do prêmio hopwood de melhor romance em andamento e consagrado pela crítica. Porém, o historiador de Kostova, apesar de uma grande base histórica

já constatada e que não desmerece de forma algumas outras obras de escritores consagrados como Anne Rice, trabalha a imagem do vampiro como um ser impiedoso, violento, marcado pela força consagrada por sua crueldade em seus atos e demarcado pelo simples recorte temporal do qual a lenda foi criado.



Imagem 8: livro o historiador de Elizabeth Kostova

Fonte: OBJETIVA, 2011.

A principal escritora que temos nos dias atuais sobre os vampiros é conhecidíssima mundialmente. Chama-se Anne Rice. Em meados dos anos 60, Rice dava início ou começava a escrever um romance sobre vampiros, tendo como base, em seu enredo um vasto repertório de tradições e histórias vitorianas que ouvia quando menina em Nova Orleans. No entanto, o que estava criando eram personagens expressivos, fortes, e um fio condutor perfeito de projeção das suas angústias e tragédias. O sucesso estrondoso de sua primeira obra entrevista com o Vampiro inspirou a continuação da história, sendo o conjunto conhecido como as crônicas vampírescas. Desde sua criação, críticos leitores se rendem exclusivamente, sistematicamente, ao encantamento das histórias criadas por Anne Rice. Dando inícios a outras sagas e histórias que se apresentaria tão fascinantes quanto as anteriores mantendo os leitores em transe do início ao fim de cada romance, criando mundo novos, rompendo preceitos de tempo espaços e moral.

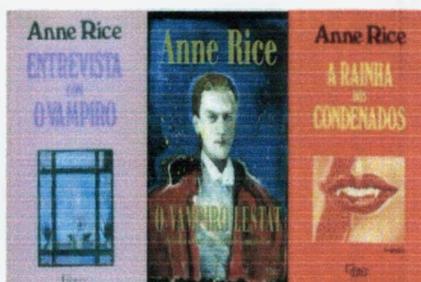


Imagem9: Os três primeiros volumes das crônicas vampírescas

Fonte: PAUSAPARALEITURA.BLOGSPOT, 2010.

O grande diferencial presente nas obras dessa escritora norte americana e que os seus vampiros remontam e estão presente no mundo desde os primórdios da vida dos seres humanos. Continuando Afinal os vampiros gozam de uma característica bastante comum e pertinente a tal situação a de serem imortais.e ainda serem consagrados por suas características peculiares:serem ligadas por um elo inquebrável a vida humana e compartilharem de sentimentos,lutas,anseios,desejos e sensibilidades características dos seres humanos nessa trajetória percorrida ate os dias atuando com suas criações literárias repletas de fatos históricos,remontando séculos descritos na história da humanidade, colocando como ponto chave central,seus personagens presenciando e vivenciando todos os fatos descritos e mencionados,lutando pela sobrevivência no decorrer das suas historias.

O conjunto descrito como as crônicas é composto pelos livros: Entrevista com vampiro(1976), O vampiro Lestat (1985),A rainha dos condenados(1988), A historia do ladrão de corpos(1992), Memnock (1995),O vampiro Armand(1998), Merrick (2000),Sangue e ouro(2001), A fazenda blackwood (2002), Cântico de sangue(2003) e dois volumes intitulados de contos vampirescos :Vittorio o vampiro(1999) e Pandora(1997).



Imagem10:Capas da nova edição dos 11 volumes das crônicas vampirescas e dos dois contos.

Fonte: <http://houseofnightbrasil.com/archives/category/uncategorized>

Da autora estrangeira, três volumes das suas crônicas vampirescas foram adaptadas para o cinema em duas longas metragens que receberam o mesmo nome o já aclamado Entrevista com Vampiro(1994) que conta a saga do vampiro Lestat e Louis e bela criança vampiresca Cláudia e a Rainha dos condenados(2002).



Imagem 11: Cena do filme Entrevista com Vampiro : Lestat (Tom Cruise), Louis ( Brad Pitt), Claudia(Kirsten Dunst)

Fonte: OENTRETIDO.COM, 2009.

Entretanto, por outro lado, hoje encontramos uma nova linha ou novo sentido da figura do vampiro na obra de Stephenie Meyer, *Crepúsculo*(2008), uma nova forma de trabalhar a imagem do vampiro que poderíamos até denominá-la de uma nova roupagem para este personagem. Mesmo que sua autora ainda continue sendo fiel e mantendo algumas características peculiares e trazidas de Bram Stoker, porém, desconstrói e infringe alguns mitos característicos da figura do vampiro, acrescentando outras características e novas ordens aos vampiros de seus contos e história. Meyer em suas obras com relação aos aspectos e características físicas de seus personagens, o descrevem como um ser extremamente forte, elegante e sedutor, possuidor e constituído de pele fria e pálida e dentes caninos afiados. Entretanto, essas mesmas características e descrições fazem do vampiro de Rice e de Stoker o principal mentor e criador da figura do vampiro um ser horrivelmente bizarro. o vampiro de Meyer por sua vez mesmo dotado de todas essas características se torna um ser maravilhosamente perfeito correto ,bom moço e bonzinho. Na serie *Crepúsculo*, todos os personagens vampirescos são descritos como possuidores de uma beleza estonteante, ao ponto de cegar e capaz de hipnotizar qualquer ser humano.

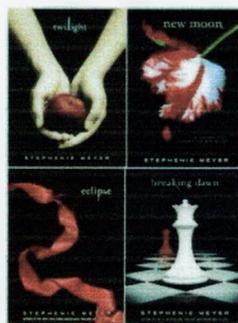


Imagem 12: Capas dos Livros: Crepúsculo ,Lua nova,Eclipse e Amanhecer

Fonte: <http://br.taringa.net/posts/downloads/13617/Download-Livros-A-Saga-Crep%C3%BAsculo-Completos.html>

Entretanto, na obra de Meyer que também foi totalmente adaptada para o cinema seus quatro volumes da saga encontraram alguns vampiros que se alimentam apenas e unicamente de sangue de animais pelo o simples fato ou apenas por não quererem machucar um ser humano.

Dessa forma fica bem claro perceber que os vampiros de ambas as obras citadas se diferem psicologicamente quando se trata do contato com seres humanos. Louis personagem da mais famosa crônica vampiresca criada por Rice (Entrevista com Vampiro) em determinados momentos até se utiliza desse artifício mais sua sede por sangue humano em um dado momento e tão forte que ele volta a suas fiéis origens.

A desconstrução dos mitos vampirescos feita por Meyer acentua a humanização deste personagem que vai contra os princípios fiéis da imagem do vampiro. Percebesse ainda muitas outras diferenças entre ambos os personagens dos escritores e obras citadas, porém, através destas característica e universos criados por ambos os autores já percebemos o quanto as visões, as formas e a imagem do vampiro vai sendo reconstruída e moldada através do tempo sobre esse lendário personagem, sendo resignificado ao longo dos anos através do contexto histórico em que estão inseridos. Esses romances e seus criadores, com o passar do tempo os seus temas, o fantástico vai se adequando e se modificando, dando luz a um novo fantástico contemporâneo, agora tendo como foco uma descrição das condições humanas em meio à ocorrência de fatos inusitados presentes nos elementos fantásticos e os reais de cada nova obra.

Não que sejamos contra a inovação, muitas delas são até bem vindas mas, preferimos e admiramos um bom vampiro vilão, aquele que nos é capaz de prender a frente de um livro ou de uma boa tela de cinema, daqueles que nos prenda no sofá ou em baixo de um bom cobertor com medo, que nos fazem desviar o olhar da leitura ou da tela da TV, aterrorizados de corações e nervos acelerados onde respirarmos profundamente, e em seguida nos acalmamos e voltarmos com a nova sessão de tortura. E assim lutamos para que eles, os antigos vampiros, não sejam esquecidos, mesmo que o humor de certa forma se aproprie desse motivo e chegue a caricaturar o vampiro e resignificar sua imagem de terrível a bonzinho.

Aqui no Brasil quatro escritores se destacam com seus personagens: Dalton Trevisan, André Vianco, Chico Anysio e Ivan Jaf. O vampiro de Curitiba de Dalton Trevisan escritor que se dedica exclusivamente ao conto acabou se tornando o maior mestre brasileiro no gênero e na arte do conto curto e cruel, sendo O vampiro de Curitiba sua principal e

conhecida obra do público. Em *O Vampiro de Curitiba* o personagem Nelsinho, nos leva ao dia-a-dia de um vampiro literário um curitibano que em como papel principal pelas ruas de Curitiba sai a assedia as velhinhas, senhoras respeitáveis, virgens e prostitutas, mais que o mesmo se encontra indeciso e agoniado entre aquela que se diferencia como as que “molha o lábio com a ponta da língua para ficar mais excitante”, a viúva toda de preto com joelho “redondinho de curva mais doce que o pêssego maduro”, a “casadinha” que vai às compras e a normalista entre as enumeras mulheres que são seguidas pelo personagem. Nelsinho por sua vez é o personagem principal que transita por todos os contos, dando unidade ao livro. E tem como principal característica sua obsessão por sexo, e assim ele vagueia e caminha pela provinciana Curitiba atrás de suas vítimas, enquanto aos olhos do leitor vai se abrindo o quadro de uma cidade decaída.



Imagem 12: Capa do livro *O vampiro de Curitiba*

Fonte: <http://www.walmart.com.br/Produto/Livros/Literatura-Nacional/Ed.-Record/76730-O-Vampiro-de-Curitiba?bkt=34A>

André Vianco por sua vez atualmente é o melhor escritor do gênero que temos aqui em nosso país com o tema e personagens vampirescos. Vianco começou a escrever profissionalmente em rádios e foi redator em jornalismo e em meados do ano 1999 ao ser despedido de seu emprego produziu e lançou por conta própria o seu primeiro livro que se tornaria também o seu primeiro best-seller, *Os Sete* (1999) e logo em seguida sua continuidade intitulada de *Sétimo* (2002). Tendo como tema central os seres da noite e mortos vivos vampiros que se encontram adormecidos dentro de uma caravela que naufragou aqui possivelmente por volta do ano de 1500 durante o nosso descobrimentos, quando acordados esses seres saem em busca de reconhecerem a nova terra o Brasil. *Os Sete* como já citado surge da necessidade sentido do autor em dar continuidade a um de seus personagens de seu primeiro romance *O Senhor Da Chuva* (1998).



Imagem 13: boxes e capas dos livros os sete e setimos

Fonte: <http://www.meninaheadbanger.com.br/2011/08/os-sete-e-setimo-de-andre-vianco.html>

A partir daí mais livros foram lançados e sua obra está sendo sempre revisitada e gradualmente ampliada dando continuidades à saga e também lançando um conto em história em quadrinhos composto por dois volumes intitulado de Vampiros do Rio Douro (2007).

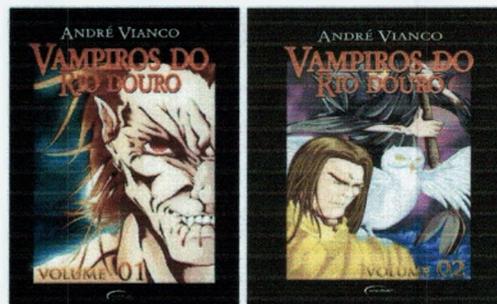


Imagem 14: Capas do conto em quadrinho Vampiros do Rio Douro

Fonte: <http://amoreselivros.blogspot.com/2011/06/escritor-do-mes-andre-vianco-3.html>

Todas essas obras seguintes que se sucederam tiveram como ponto de partida foram iniciadas com os dois primeiros volumes. Vianco vem de certa forma dando ares nacionais e tropicais à personagem vampírescos que estavam acostumados a serem europeus e viverem no frio. Seu trabalho tem, rapidamente conseguido alcançar sucesso gradualmente, apresentado destaque na mídia nacional e em programas de TV como também na internet. E dando continuidade à sua obra foram lançadas mais duas sagas: O Vampiro Rei (2004-2005) e O Turno da Noite (2006-2007).



Imagem 14:caixa boxe com os três volumes da saga o vampiro rei

Fonte: <http://www.meiapalavra.com.br/showthread.php/23107-As-Piores-Capas-de-Livros-Brasil>

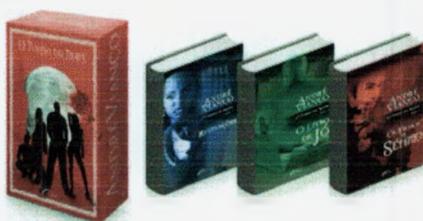


Imagem 15:caixa boxe com os três volumes da saga o turno da noite

Fonte:<http://beleleu.com/wordpress/2011/10/o-turno-da-noite/>

Bento Carneiro, o vampiro Brasileiro, talvez seja o mais popular morto vivo que encontramos em nossa história e em terras brasileiras. Criada nos anos 80 e interpretada pelo humorista Chico Anysio, Bento Carneiro o vampiro brasileiro fazia sistemáticas aparições no programa da *TV Globo* chamado *Chico Anysio Show*, que foi ao ar entre 1982 e 1990, além de Bento Carneiro o vampiro brasileiro outros. *Bento Carneiro* é um vampiro a lá *made in* Brasil que, diferentemente dos outros vampiros de sua espécie, lhe falta coragem por tanto é bem medroso, mesmo sendo um ser sobre natural morre de medo desse mundo, e para piorar é muito atrapalhado em seus feitos, e dado a magia sempre que joga ou descarrega uma praga a envia a alguém, a mesma volta-se contra ele Bento Carneiro.



Imagem 16: Bento Carneiro o Vampiro Brasileiro

Fonte: [http://opiniaoenoticia.com.br/cultura/licoes-de-vida-e-humor-com-o-professor-chico-anysio/attachment/bento-carneiro\\_o-vampiro-brasileiro/](http://opiniaoenoticia.com.br/cultura/licoes-de-vida-e-humor-com-o-professor-chico-anysio/attachment/bento-carneiro_o-vampiro-brasileiro/)

E por último, o não menos expressivo e tema do nosso trabalho, Antônio Brás o vampiro que descobriu o Brasil de Ivan Jaf presente no livro de mesmo nome. Em *O vampiro que descobriu o Brasil* o enredo da obra vai desde a saída das caravelas de Portugal com destino as índias passando pelo do Descobrimento do Brasil aos dias atuais, lembrando e passando por fatos e personagens históricos muitas vezes desconhecidos do publico ate os seus mais expressivos e populares como Tiradentes, Dom Pedro I e Getúlio Vargas entre outros como Pedro Álvares Cabral utilizando se de uma linguagem simples e concisa o autor conseguiu leva o leitor diretamente para o centro da discussão e dos acontecimentos resgatando os fatos assuntos e conteúdos com muito humor.



Imagem 17: livro o vampiro que descobriu o Brasil distribuído pelo MEC as escolas.

Fonte: <http://saibahistoria.blogspot.com/2010/07/o-vampiro-que-descobriu-o-brasil.html>

Do desembarque inicial a primeira missa rezada nas terras descobertas, passando pela invasão dos holandeses aqui no nordeste e no Rio de Janeiro, pelas revoltas tais como a Inconfidência Mineira, as lutas pela Independência, passando pelo impérios e reinados, fazendo uma paradinha na republica chegando ate o Estado Novo e o período da Ditadura Militar, desembocando e chegando ao período do Plano Real, o autor vai elaborando uma trama bem arquitetada e armada que se utiliza da figura e da imagem de um vampiro desajeitado para assim criticar e satirizar em muitos casos os momentos mais dramáticos e fundamental da não menos atrapalhada história brasileira.

Desta forma com esse breve levantamentos das mais diversas forma de manifestações da imagem do vampiro presente tanto nas artes, como no cinema, na televisão e na literatura percebesse que o vampiro não é apenas um simples personagem criado para por medo. É um personagem que de vez vem entrando e habitando o universo não apenas da nossa imaginação como também das nossas casas escolas, em livros ou filmes consumidos por nós crianças, jovens e adultos como também por nossos alunos no seu dia a dia.

Este grande interesse e crescimento sobre o tema foi confirmado durante os anos e com o passar de cada década seguinte e não sendo apenas sentido aqui no Brasil mais sim espalhando se por todo o globo em um movimento chamado de “vampiro mania”. Conforme Del Priore (2000, p.12) afirma “a cultura contemporânea acabou por torná-los familiares, trazendo-os para nosso cotidiano e privacidade”.E assim não e de se espantar ao darmos de encontro hoje em dia,ao percebemos que o vampiro viro febre,moda entre os jovens e nossos adolescente e não se enganem ao da de encontro com eles escondidos dentro da mochilas,nas bolsas escolares,ou ate mesmo nas estante e nos braços de nosso alunos livros e contos vampirescos dividindo espaços com os próprios livros didáticos.

## **CAPITULO II - De Bento Carneiro, o vampiro brasileiro, a Antônio Domingos, o vampiro que descobriu o Brasil: uma boa e bem humorada aula de história da nossa historia.**

*Drácula talvez seja o vampiro mais famoso do mundo, porém, com certeza, não foi o primeiro. Muito antes dele já circulavam, em grande parte do planeta, mitos e lendas populares sobre monstros que bebem sangue. No século XIX, essas histórias começaram a difundir-se sob forma impressa, e, em 1897, Bram Stoker, finalmente, publicou seu romance Drácula.*<sup>23</sup>

Quem nunca ouviu, sentado em grupo ou em círculo, com os olhos vidrados, à espera das primeiras sílabas pronunciadas, frases do tipo: “Era uma vez...”, “Quando eu era menino tive um sonho...”, “Seu nome era...” e ao final de cada história contada ou lida: “E assim viveram felizes para sempre...” ou apenas: “Não sei, só sei que foi assim...”.

Quem nunca correu com medo ao ouvir as palavras: bruxa, vampiro, lobisomem, Cuca; ou incentivado pela história levantou-se e tomou posto ao lado de fadas, duendes, elfos, guerreiros e cavaleiros para lutar contra o mal. Esse enorme imaginário presente em nossas vidas desde nossa infância, apesar de tentarmos escondê-lo, nunca saiu da nossa mente, continuando presente, ainda mesmo que involuntariamente, habitado por uma grande gama de seres imaginários. Será que muitos de nós nunca nos questionamos ao ouvir inúmeros contos de fadas e histórias. Nunca imaginamos se em “Quem tem medo do lobo mau?” se o lenhador não tivesse chegado no final da história para salvar Chapeuzinho Vermelho e sua vovozinha? Se o conde Drácula não tivesse chegado ao fim e conseguisse sobreviver até os dias de hoje, como seria contada sua lenda? Esses seres e outros fatos se confundem e fazem parte desse grande imaginário, imagens e crenças que herdamos de nossos antepassados de geração em geração.

Assim como os Vampiros muitos desses personagens remontam a períodos históricos de antes mesmo do medievo, e foi daquela época e talvez grande parte desse conjunto de costumes, tenha sido herdado da Idade Média, que segundo Jose Rivair Macedo: “Herdamos da Idade Média nosso gosto por ouvir boas histórias, boas narrativas, boas canções. Aquele foi o tempo da oralidade, da palavra transmitida de boca em boca, dos costumes transmitidos e preservados de geração em geração”<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Texto de apresentação do livro *Drácula*, 1997, p.6, Companhia das Letrinhas).

<sup>24</sup> MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2004. p 109-125.

Bruxas e magos, as crendices e o insólito sempre fizeram parte da história do Homem. Na idade da pedra as representações de bichos, pintadas nas cavernas eram imagens mágicas feitas por feiticeiros com a finalidade de atrair os verdadeiros animais tão necessários à sobrevivência das tribos.

Bem mais tarde, quando a civilização vivia uma era de obscurantismo, os corações as mentes dos homens estavam sempre povoados por demônios, artes de magia e estranhos rituais (...).

Não podemos negar que, muitas vezes, o insólito mora ao lado, arquitetando os mais extraordinários acontecimentos dos quais ou somos testemunhas ou damos fé a quem nos passou a informação.

(...)

Por que razão tememos as assombrações, a cuca e a mula-sem-cabeça eternamente cavalgando pelas nossas estradas na incrível proeza de botar fogo pelo nariz?(...).

É muito simples: nós acreditamos! Acreditamos com a mesma força com que acreditavam aqueles homens primitivos.

Nossa imaginação não dispensa o fantástico?<sup>25</sup>

Foi por não dispensar o fantástico que aqui em nosso país o Brasil uma região banhada de sol e praias de areias tropicais, de clima seco e semiárido com pequenas frentes frias e de um clima de quase 40 graus de calor, com o trópico mais oriental das Américas, sendo aqui onde o sol nasce primeiro e sabendo que o sol é o único e exclusivo inimigo mortal dos vampiros assim como o fogo numa possível segunda morte, não seria de se estranhar que os nossos principais representantes desse universo dos mortos vivos e de nossas elaborações e criações vampíricas se destacasse pelo o humor como pode ser percebido no final do nosso capítulo anterior.

Se estamos em baixo da linha do equador, e aqui em baixo tudo pega fogo feito” o quinto dos infernos” como eramos conhecidos desde antes de nossa descoberta ou conquista aqui, com os vampiros não seria diferente e nossos chupadores de sangue e mortos vivos se destacariam pela caricaturalização de um personagem maligno em bonzinho ou até mesmo atrapalhado como é o caso do nosso Famoso Bento Carneiro o Vampiro Brasileiro.

De um bebedor de sangue a um bom consumidor de álcool como é o caso do nosso Antonio Bras que adora um bom vinho do porto e sente falta. mais tanta falta disse que resolve atracar aqui em nossas terras, ou até mesmo descaracterizar quase que por inteiro um personagem que desde o seu nascimento prima pelo terror como o Bento Carneiro medroso e banguela possuindo apenas um dos caninos perdido no céu de sua boca. Aqui em terra “tupinaquins” os vampiros prima pelo bom riso e uma gostosa gargalhada sendo possível até mesmo ir a praia por um bom e básico protetor solar e curtir um bom sol em um rio “40 graus” pegar uma corzinha e mais deixando até a pele morena ao contrário da sua branca e

---

<sup>25</sup> NEIVA, Lia. *Histórias de não se crer*. Rio de Janeiro: Impresso no ao livro técnico S/A Indústria e Comércio, 1987.

fria ficando quente e da cor do pecado. Assim são os nossos principais personagens vampíricos brasileiros. Mas final cientificamente falando o que é um vampiro? e porque esse imaginário de morto vivo nos é tão presente e faz parte de nossas vidas?

## 2.1-Afinal, o que é um vampiro?

Sim, sou um vampiro, como já disse, sou uma coisa abjeta que se alimenta da vida mortal. Existo com tranqüilidade, relativamente contente, na minha terra natal, nas sombras escuras do meu castelo. E Ursula está ao meu lado, como sempre, e quinhentos anos não chegam a ser tanto tempo para um amor tão forte quanto o nosso.

Somos demônios, somos danados. Mas não vimos e compreendemos tantas coisas, não escrevi coisas aqui que têm valor para você? Não relatei um conflito tão marcado pelo tormento que alguma coisa paira aqui cheia de brilho e cor, não muito diferente da obra de Filippo? Não bordei, teci e dourei, acaso não sangrei?

Olhe bem minha história e diga-me que ela não lhe oferece nada. Não acreditarei se me disser isso.<sup>26</sup>

As definições comuns que encontramos nos mais diversos dicionários, servem-nos como parâmetro e referência para determinarmos o que verdadeiramente entendemos por vampiro. Vampiro: “Entidade lendária que, segundo a crença popular, sai das sepulturas para sugar o sangue das pessoas vivas”. (*Dicionário da Língua Portuguesa O Globo p.696*); vampiro é um cadáver reavivado que levanta do túmulo para sugar o sangue dos vivos e, assim, dessa forma, reter a aparência da vida, ou seja, em linhas gerais nada mais é que “um morto vivo”. Mas com o passar do tempo e com as mais diversas lendas e histórias que nos permeiam com a ideia de vampiro, esse conceito não pode ser atribuído e nem pode de modo algum ser definitivo, pois diante das mais diversas definições já existentes e quando nos aproximamos do folclore, de maneira alguma todos os vampiros se encaixam nessa definição e dessa forma, vão existir diversos seres e ideias imaginárias que de alguma maneira se encaixarão nas ideias e princípios vampirescos.

O vampiro é um tipo peculiar de morto retornando, uma pessoa morta que retorna à vida para uma continuada forma de existência bebendo o sangue dos vivos. No pensamento popular, o vampiro é considerado um “morto-vivo”, tendo completado a vida terrena, mas ainda ligado a essa vida e ainda não-recebido no reino dos mortos. O vampiro é diferente do fantasma, um espírito desencarnado, na medida em que o vampiro habita um corpo inanimado. Distingue-se do violador de túmulos porque esse não tem controle da inteligência, sendo guiado apenas pela sua fome, banquetando-se no corpo de sua vítima mais do que apenas pelo sangue. O consumo de sangue é a atividade mais característica dos vampiros. Portanto, o tema vampiro, também é usado para descrever várias criaturas mitológicas que bebem sangue, bem como pessoas vivas que se engajam em atividades similares.<sup>27</sup>

Mas de acordo com Aidar e Maciel (1986), mais importante do que identificar as origens do termo e da palavra “vampiro” é reconhecer seus diversos significados. Para os

<sup>26</sup> Anne Rice VITTORIO, O VAMPIRO Tradução de ALBERTO LOPES editora Rocco rio de janeiro 200 capítulo 16 e a escuridão não o alcançou página 203).

<sup>27</sup> Vampiro, O In: MELTON, J. Gordon. A Enciclopédia dos vampiros. São Paulo: M. books do Brasil Ltda, 2008, p486-487).

autores (1986, p.8), “falar de vampiro é falar de morte”. Por exemplo, embora em sua maioria quando tratamos dessa temática o assunto sempre nos leve a discussão sobre a morte.

A crença em criaturas vampirescas provavelmente remonta as experiências humanas muito antes do que podemos imaginar antes mesmos do advento da palavra escrita e assim é tida como universal, uma vez que é documentada em várias civilizações tanto pelo temor respeitoso em relação aos mortos como também nas crenças e nas possibilidades e propriedades mágicas do sangue, essas idéias podem ser encontradas em culturas presente no mundo todo. Contos e histórias modernas e antigas sobre bebedores e chupadores de sangue sobrenaturais podem ser encontrados em culturas do mundo inteiro. De acordo com a cultura, o vampiro recebe diversos nomes por todo mundo em volta do globo, como, por exemplo, *katakhanoso* ou *baital*, *upiry*, (em sânscrito antigo); *upiry*, (em russo); em polonês; *vrykolakes*, *brykilakas*, *barbarlakos*, *borborlakos* ou *bourdoulakos*, em grego; *blutsäuger*, entre varios outros que podem ser encontrados mundo a fora. A característica marcante compartilhada por essas diversas entidades vampirescas e sempre única a necessidade de sangue que retira de seres humanos ou de animais e assim uma enorme multidão de criaturas mitológicas pelo mundo tem sido chamadas e comparadas como vampiros não só pela literatura como também pela cultura popular.

Segundo J. Gordon Melton (2008), autor de "The Vampire Book", o que entendemos hoje ou compreendemos enquanto vampiro tem por origem um único conto ou registro o famoso Drácula, de Bram Stoker, que por sua vez não tenha sido o único, mas houve vários livros e história anteriores ao conto de Stoker, mas que não chamaram atenção.

Em fins do século 19, o romance Dracula, de Bram Stoker, iniciou a era da ficção que continua até hoje. Drácula criou o vampiro vilão definitivo, utilizando elementos dos trabalhos de Polidori e Le Fanu para produzir um pano de fundo gótico para a história de um predador aristocrático profano saído do túmulo, que hipnotiza, corrompe e se alimenta das lindas jovens que mata. Stoker revelou todo o impacto das conotações psicosssexuais envolvidas no relacionamento entre vampiros e vítimas, mostrando a notável semelhança entre ânsia de sangue dos mortos-vivos e a sensualidade reprimida dos simples mortais. Um elo psíquico ainda mais profundo está indicado quando uma vítima do sexo feminino é forçada a beber o sangue de Drácula como parte de sua transformação em vampiro.

Stoker criou um grupo de personagens e tipos usados vezes sem conta em histórias de vampiros posteriores. Essas histórias incluem o próprio Drácula, o misterioso nobre estrangeiro que finalmente se revela como um vampiro demoníaco e assassino; (...) Stoker também criou um conjunto de características vampíricas para os objetivos do trabalho, fruto mais de sua imaginação do que extraído da tradição. Isso inclui a necessidade de o vampiro precisa repousar num caixão com solo nativo, a necessidade de um convite para entrar em um edifício, a habilidade de se transformar num morcego ou em outras formas e a de não se refletir num espelho. O

protótipo que Stoker moldou se tornou o padrão com o qual os demais vampiros de ficção são comparados.<sup>28</sup>

Stoker, em 1897 publica seu conto e nomeia uma criatura, ao mesmo tempo dava nome a uma lenda milenar que seria conhecido mundo e tempo afora: Drácula. Assim conseguiu unir, montar, e fundir inúmeras lendas e histórias através de suas pesquisas sobre a humanidade e alimenta a nossa imaginação a mais de 4 mil anos povoando e enchendo nosso imaginário de inúmeros sentimentos. Por meio da união de todos esses elementos através da ficção, Stoker resgatou não apenas as lendas e as historia de terror de seu povo mais sim o chamado “Drácula Histórico”, pois era de seu conhecimento a existência do príncipe de um Prince intitulado de Vlad (Drácula), governador da Valáquia por três reinados nos período de 1448, entre 1456 e 1462 e em 1476. Que por sua vez tornou-se conhecido por conta das suas constantes atrocidades e punições sanguinárias impostas aos inimigos e assim Drácula passou a ser considerado um vampiro.

David J. Skal a firma que não houve civilização na história que se conheça que não tenha relato ou tratado de alguma maneira a ideia de vampiro desde tempos remotos como nós conformam alguns vestígios e grafias arqueológicos encontrados na babilônia. A ideia de vampiro ou de seres que saem da sepultura para se alimentar de energia ou de sangue dos seres vivos remontam séculos.

A crença em criaturas vampíricas provavelmente remonta as experiências humanas muito antes do advento da palavra escrita. Tanto um temor respeitoso em relação aos mortos como uma crença nas propriedades mágicas do sangue podem ser encontradas em culturas do mundo todo. Contos modernos e antigos sobre chupadores de sangue, voadores notívagos e sobrenaturais (...) são característicos, sob muitas formas, de muitas culturas mundiais (...).

O conceito específico dos mortos retornando para atacar e se alimentar do sangue dos vivos encontrou sua maior expressão na Europa cristã<sup>29</sup>

Nesse sentido, é relevante salientar e vale lembrar o grande esforço de Stoker em organizar e resgatar a história não apenas de um personagem histórico (o príncipe Vlad), mas de toda uma gama de informações e uma vasta simbologia ligada ao imaginário dos vampiros, presente e registrada, como se viu, desde a Idade Antiga, que colaborou como um fator fundamental para a caracterização de Drácula o morto vivo mais famoso que se tem notícias na historia.

O fascínio por essas criaturas como o Drácula, dragões, elfos, entre outros seres e criaturas entre eles o vampiro que saltam em histórias e aventuras fabulosas são pré-supostos

<sup>28</sup> RICCARDO, Martin V. Breve história cultural dos vampiros. In: MELTON, J. Gordon. **A Enciclopédia dos vampiros**. São Paulo: M. books do Brasil Ltda, 2008, p.11.

<sup>29</sup> Idem.

para a formação ficcional, para o divertimento, e é esse grande legado do nosso imaginário, dando sentido, explicações a acontecimentos, fatos, que até então se encontravam sem explicações, mas que continuam alguns, no campo dos mistérios.

Esse imaginário nos é imposto desde o nosso nascimento, envolto por esses personagens, presente em nossas casas, nos nossos quartos. O “monstro do guarda-roupa”, “o bicho papão” em baixo da cama, entre muitos outros, até passarmos a compreender e sermos brindados com infindáveis contos e histórias que embalam nosso sono e sonhos repletos dessas criaturas, nos próximos anos de nossa existência.

Mas o que se entende e o que se compreende por imaginação? Dá-se o nome de imaginação ao conjunto de ideias representativas criadas pelos homens coletivamente ou não, elaboradas com o objetivo de dar sentido ao mundo.

A idéia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações de um mundo paralelo de sinais que constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica<sup>30</sup>.

O imaginário assim como a literatura, compartilha de um mesmo fio condutor a sua sobrevivência e fonte de inspiração: o real. O imaginário infanto-juvenil criado através das produções literárias por suas histórias, contos, fábulas, romances, narrações, crônicas entre outros gêneros literários, juntamente com a literatura popular é revigorado dia a dia pelo manuseio e a convivência desses textos e histórias e até mesmo pela riqueza das imagens produzidas por sua época ou pela televisão, o teatro, o cinema, e outras artes vão seguindo o mesmo caminho, o mesmo fio condutor onde o real é transformado por esses vários meios em imaginário.

O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas o outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real.<sup>31</sup>

O imaginário por sua vez é histórico e datado, tem nome, ou seja, se desenvolve em cada época e assim os homens constroem representações para conferir sentido ao real que o cerca e essas construções de sentido são amplas uma vez que se expressam de vários meios e formas possíveis. O imaginário dessa forma e por sua vez comporta inúmeros sentidos e liga em si só, crenças, mitos, conceitos, valores, constrói destrói e modifica os mesmos

<sup>30</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 47.

<sup>31</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 47

Para historiadora brasileira Del Priore (2000, p.124), o imaginário do vampiro é observado e se edifica em uma elaboração de sentidos em função de que “(...) os homens, todos eles, obrigam-se a construir mentalmente algo que lhes dê medo” até mesmo desejo e assim o imaginário do vampiro aparece não apenas como um ser fantasmagórico do imaginário infanto-juvenil é uma ideia presente desde os primórdios da humanidade presente na vida de todo ser humano sendo ele crianças, jovens ou adultos. Nesse mundo onde seres imaginários como os vampiros estão em nosso universo e povoam a nossa vida desde o nosso nascimentos e caminham lado a lado conosco até os últimos dias junto com o nosso medo da morte ou até mesmo com a ambição de uma nova vida ou da eternidade. E como já nos reportamos antes esses seres lendários e imaginários andando invadindo nossas casas e escolas com ou sem nossa permissão através de livros, revistas, filmes, imagens, brinquedos, bonecos, músicas e outros meios não só de comunicação.

Foi dessa forma que nos foi apresentado um dos grandes personagens nosso aqui no Brasil desse grande legado de seres imaginários presente em nossa história. Antonio Brás um vampiro que se encontra no livro *O Vampiro que Descobriu o Brasil*, de Ivan Jaf, esse secular vampiro português que quando aqui desembarca se apaixona por nossa terra e encantos do Brasil e através de suas aventuras conseguiu passar a limpo e as claras 500 anos de nossa história nos dando uma boa e bem humorada aula de conteúdos que comumente encontramos nos livros didáticos e que rejeitamos pela linguagem ou pela forma como são tratadas pelos autores, não que os livros didáticos tenham mais serventia em sala de aula pelo contrário eles ainda são indispensáveis e continuam sendo um bom material de apoio mas que pouco desperta a atenção de nossos alunos, foi assim que percebemos a possibilidade de utilizar esse livro *O Vampiro que Descobriu o Brasil* em sala como material didático de apoio nas aulas de história já que o mesmo é distribuído pelo Mec em uma coleção denominada de literatura em minha casa em todas as escolas do território nacional e ficam juntando poeiras em caixas ou prateleiras nas bibliotecas de nossas escolas.

## 2.2-Uma boa e bem humorada aula de história da nossa história

Um vampiro politicamente incorreto em alguns casos, quando preciso, e distante de suas origens. É assim o nosso principal anfitrião o tão não menos famoso quanto o celebre conde Drácula e não menos bem humorado que seu coterrâneo aqui da terrinha Bento Carneiro o vampiro Brasileiro. Em o vampiro que descobriu o Brasil de Ivan Jaf a “Imortalidade: para muitos é um sonho um desejo a ser alcançados e privilégio de poucos. Não, contudo, para o Lisboeta Antônio Brás, transformado em vampiro no ano de 1500.” O português recém transformado em vampiro criado por Ivan Jaf.

Escritor nascido no Rio de Janeiro (1957) Ivan Jaf é autor, roteirista e editor cursou a Faculdades de Filosofia e Comunicação, UFRJ não chegando a concluir a mesma, conhecido também por ser roteirista de histórias em quadrinhos sempre trabalhando com os temas de terror e ficção científica. Alcançou grande prestígio e destaque no campo literário de nosso país com livros e contos voltado ao público jovem e adolescente com temáticas pertinentes a esse público e se destacando com sua principal criação o taberneiro Antônio Brás o vampiro que descobriu o Brasil que é mordido por um velho e antigo vampiro na Lisboa de 1500.

O vampiro que descobriu o Brasil de Ivan Jaf conta a história de Antônio Brás, um simples comerciante português e proprietário de uma velha taberna que funcionava no porto da já famosa na época praça principal de Restelo, perto e aos arredores de Lisboa onde numa noite fria de inverno, quando encerrava mais um longo dia e cansativo de trabalho e fechava sua taberna, Antônio foi acometido e atacado por um comandante, sem perceber que o mesmo tratava-se de um velho vampiro que cravou-lhe os dentes caninos no pescoço deixando-o desacordado e caído no chão e com o sangue escorrendo e caindo pelo corpo.

Sem perceber ao acordar Antônio encontrasse devorando uma ratazana, Antônio Brás retoma sua consciência e em meio ao pavor da situação que acabara de cometer, dá de cara com Domingos, um outro vampiro também acometidos dos truques do velho o qual lhe dá a notícia de que, assim como ele, Antônio agora era um vampiro e não tem como fugir disso a não ser encontrando o seu criador. O Velho como é conhecido, o mais poderoso dos vampiros e responsável pela transformação de ambos Antônio Domingos e Antônio Brás.

Desesperado com o que houve, e sem entender direito ou na verdade sem querer acreditar no que está acontecendo com ele e no que acaba de descobrir, mas também enraivecido e sem saber o que fazer ou como se comportar, contrariado por não poder mais

ser um mortal como os outros seus pares, busca uma resolução, uma solução para o seu terrível problema agora para os próximos dias de eternidade que vai ter pela frente.

Detentores de muitos poderes o velho vampiro que mordeu Brás é capaz de entrar num corpo humano e permanecer nele ate que seja expulso ou ate quando desejar. Agora o Velho estava dentro e estabelecido no corpo do comandante, da esquadra portuguesa que esta preste a partir de Portugal pois é de seu costume e tem por objetivo e intenção de fazer parte das grandes navegações da época e das caravelas rumo ao novo mundo e das conquistas portuguesas do monopólio do comércio com as Índias confessa Antonio Domingos convalescido a Brás ,um antigo vampiro que também fora mordido pelo velho,mas o mesmo também afirma que seria difícil e quase que impossível encontrar o Velho no meio daquela multidão, ainda mais sem saber em que corpo se escondera, mas sabia que estaria no corpo de alguém importante, nos momentos históricos decisivos.

Assim Antonio Brás através de Domingos descobre que seu criador e agressor está preste a fazer parte da tripulação de Pedro Álvares Cabral que pretende zarpar ancoras, a caminho das Índias e Antônio por sua vez tentará se infiltrar no navio, levando e munido de informações que o auxiliara na caça e na procura ao velho : o vampiro que o mordeu tem tanta sede de sangue,quanto de fama e mais ainda de poder (percebe se ai nisso uma crítica a certos políticos e discussões de temas que viram a ser abordados na obra) o Velho, como é conhecido esse antigo vampiro, tem por prazer e sempre utilizar personagens famosos para incorporar no seu corpo e na sua alma.

Nota se que precisamente daí já se percebe a preocupação do velho em ser “positivista” e estar ligado aos grandes feitos e marcos da historia. Assim não resta a Antonio Brás nenhuma outra alternativa, a única maneira de reverter tal situação segundo Antonio Domingos é encontrar o velho e lhe apunhala ou espetar uma estaca de carvalho no coração do vampiro que lhe atacou e aspirar as cinzas em que o corpo se transformaria.

O livro O Vampiro que descobriu o Brasil, de Ivan Jaf, aborda a temática dos 500 anos do Brasil, desde a partida de Cabral, de forma bem engraçada e humorada, tendo dois personagens vampiros centrais Antonio Brás e o Velho.No enredo da obra passamos por fatos desde o Descobrimento do Brasil aos dias atuais, e por inúmeros personagens conhecido do grande publico personagens como Tiradentes, Dom Pedro I e Getúlio Vargas entre outros que vão sendo apresentados.O autor faz o uso de uma linguagem simples e sem rodeios , concisa e direta para levar o leitor a caminho e diretamente para dentro e para o centro dos fatos e acontecimentos históricos que marcaram a construção do nosso pais.

Ao narrar suas experiências aqui nesta nova terra longe da sua Antonio Brás passamos e relata uma visão particular da nossa história do Brasil. Desde o uso da nossa língua como pode ser percebido o uso, o desuso, semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e o português aqui do Brasil, bem como os regionalismos presente tão típico aqui de nosso povo.

Dessa forma podemos dividir a obra em diversos temas ou eixos temáticos que possibilitam o trabalho e discussão não apenas no campo da história como em outras disciplinas tais como: a língua portuguesa e geografia a biologia e outras temáticas. Ao que cometem a história, a fatos e passagens históricas desde o “descobrimento” do Brasil Dividiremos aqui a narrativas em temas ou eixos como queiram ou ate mesmo em fazes históricas apenas como possíveis fins didáticos de serem utilizados em sala pelos professores: descobrimento e início da colonização; invasão Holandesa; Exploração de Minérios e Inconfidência Mineira; Chegada da família real portuguesa ao Brasil; Primeiro Reinado; Segundo Reinado; Abolição da escravatura; Proclamação da República; A crise do café; Era Vargas; Eleição de Jânio Quadros; O golpe militar de 64; Progresso e decadência da ditadura militar; O movimento “Diretas Já”; Eleição e morte de Tancredo Neves; Ascensão de José Sarney; entre outros fatos marcantes de nossa história são presente durante toda a obra mais aqui nos ateremos apenas ao o que se refere ao descobrimento do Brasil e Início da colonização presente na obras e possíveis conteúdos que possam vim a ser abordados em sala pelo professor com a leitura dos capítulos :1-Vinte e nove anos de bacalhau,2-Imortal,nem morto!,3-Problemas na saída,4-Depois do fim do mundo ,5-Topada eterna

**Fragmento 1:** Nesse fragmento pode ser trabalhado pelo professor conteúdos e temáticas sobre, O monopólio comercial, As rotas comerciais com destino as Índias, O início das grandes navegações, O absolutismo e a figura do rei, juntamente com os personagens do Vasco da Gama, D. Manuel o venturoso e Pedro Álvares Cabral. Vasco da gama foi comandante da frota lusitana que descobriu a rota e o famoso caminho marítimo para as índias em 1498. D. Manuel foi rei de Portugal nos anos de 1495 a 1521 durante seu reinado foram feitas as grandes viagem marítimas.

(...) O movimento aumentara muito naquele pequeno ancoradouro, a pouco mais de uma légua de Lisboa, desde que o navegador Vasco da Gama tinha voltado, oito meses antes, com a notícia que afinal encontrara um caminho marítimo para as Índias.

Desde então, abastecia-se ali a maior armada portuguesa de todos os tempos. Dez naus e três caravelas, dispostas a voltar e impressionar os hindus, com

armas,ouro e capitães de linhagem nobre,conseguindo com isso o monopólio do comercio da região.

Antônio não se importava com nada daquilo sobre política, bastava-lhe saber que o rei chamava-se D. Manuel, o venturoso, e que não devia falar mal dele.

(...)

A partida da grandiosa esquadra estava marcada para 8 de março.Filas intermináveis de carregadores entravam e saiam dos navios.

(...)

– Pretendia pilotar uma das caravelas que está a ser preparada aqui em Restelo.

– E pra quê?

– Queria tomar parte no que será uma grande conquista portuguesa: o monopólio do comércio com as Índias. É a mania do Velho. Participar dos grandes acontecimentos.

(...), justamente depois de saber que seu nome fora cortado e que em seu lugar irá Vasco de Ataíde, um fidalgo sem nenhuma experiência no mar, mas de boa linhagem e irmão de um comandante já escalado, Pero de Ataíde. É sempre uma politicagem dos diabos... Ouviste o nome de quem escolheram para capitão-mor?

– Não sei nada dessas coisas.

– A nomeação saiu dia 15 de fevereiro. É um tal de Pedro Álvares Cabral, outro sem nenhuma experiência, mas com fortes laços de família com a Coroa, e casado com uma das mulheres mais nobres e ricas de Portugal, neta do rei D. Fernando.

– Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

(...)

A última semana passou depressa e obrigou Antônio a agir rápido.

Todos à sua volta só cuidavam da grande festa de despedida às armadas de Cabral, marcada para o próximo domingo, quando todas as atenções da Europa estariam voltadas para lá. Com o sucesso daquela missão, Portugal se consagraria como a maior potência econômica do Ocidente.

A Ermida de São João, às margens do rio Tejo, fora luxuosamente decorada, com um imenso toldo à direita do altar. Estava pronto para receber o rei D. Manuel, os representantes do clero, os capitães da frota, os banqueiros e nobres que financiavam a viagem e os representantes da Inglaterra e de Gênova. E também para ser vista e comentada pelos espíões espanhóis e venezianos.

A população de Lisboa, umas sessenta mil almas, viria em massa. Muitas pessoas já chegavam, improvisando barracas, estendendo panos para dividir o pão e o vinho, espalhando-se pelas praias e colinas de Belém.

(...) A única pista: ele queria estar no corpo de alguém importante, nos momentos históricos decisivos.

*O ganjo então vai estar junto ao Cabral!*<sup>32</sup>

**Fragmento 2:** O professor pode desenvolver a partir desse fragmentos trabalhos e atividades sobre,como era a vida dentro das caravelas e o cotidianos dos marinheiros, as teorias que faziam parte do universo científico da época como a ideia de que a terra era reta e não redonda e as descobertas científicas de Nicolau Copérnico e Joahnnes Kepler. Temas como a descrição dos indígenas e a primeira missa no Brasil e início da catequização dos indígenas também podem ser desenvolvidos.

(...)

O tempo frustrará os planos de D. Emanuel. Depois da solenidade, um vento do Sul impediu que a esquadra zarpasse, o que só aconteceu no dia seguinte, 9 de março de 1500, quando a maioria das pessoas já voltara ao trabalho.

<sup>32</sup> JAF, Ivan. *O vampiro que descobriu o Brasil*. São Paulo: Ática, 1999, fls. 8-13.

Foi melhor assim não assistiram ao triste espetáculo sobre os navios. Logo ali, na barra do rio Tejo, as ondas provocaram os primeiros enjoos na tripulação, a maior parte recrutado no campo, sem falar dos fidalgos e religiosos, gente de terra que, naqueles primeiros momentos, já devia estar arrependida de ter se metido naquilo.

O problema era sobreviver. As naus e caravelas, como cascas de nozes sobre o oceano desconhecido, balançavam para todos os lados... mas nem precisa afundar para matar seus tripulantes. Morria-se de tudo ali dentro. Doenças, brigas, intoxicação, desespero, tédio, loucura. Ninguém tomava banho. Vomitavam, urinavam e defecavam por toda parte. A água se tornava intragável. As comidas apodreciam. Só duas coisas ajudavam a enfrentar tudo isso: a ambição do lucro e a cota diária de litro e meio de vinho.

O vinho era tão importante que se media a capacidade dos navios pela quantidade de barris que cabia nele.

A nau-capitânia, a maior da frota, tinha uma capacidade de 250 tonéis (...).

Perambulavam por ali oitenta marinheiros, setenta soldados e trinta e três passageiros, entre serviçais, degredados, intérpretes e religiosos, além dos sete besteiros da guarda pessoal de Cabral. Cento e noventa corpos onde a alma do velho poderia estar escondido. Ou melhor, cento e oitenta e nove (...).

Tantos mistérios cercavam a humanidade então que ninguém perdia tempo tentando explicar as coisas. Embrulharam o rapaz num pedaço de vela suja e o jogaram ao mar.

Mestre João um galego misto de médico, cirurgião, físico, artista, astrônomo e astrólogo, diagnosticou anemia profunda provocada pela sangria do corte no pescoço, na certa resultado de uma briga. Mas, quando lhe perguntaram onde diabos estava o sangue, sacudiu os ombros, disse “sei lá” e foi tomar uma bagaceira com seus amigos letrados, futuros escrivão para as feitorias da África.

(...)

A tripulação subalterna não passava muito melhor, obrigada a comer diariamente meio quilo de biscoito duro, salgado, mofado, fedorento e com as bordas comidas por baratas.

Os dias foram passando.

De Lisboa, tomando o rumo Sul - Sudoeste, chegaram às ilhas Canárias a 14 de março de 1500. No dia 22, atingiram o arquipélago de Cabo Verde.

Durante a noite uma das naus desapareceu. Antônio teve certeza de que o Velho a afundara, matando 150 homens apenas para se vingar de seu comandante, Vasco de Ataíde.

No dia 29 de março, enfrentaram uma calmaria que durou dez longos dias. As provisões de água e comida foram acabando.

(...)

No dia 9 de abril, após as embarcações cruzarem a linha do Equador, os ventos voltaram a soprar e, para espanto de todos, Cabral ordenou que embicassem para o Sudoeste, saindo da rota.

O resto da frota o seguiu. As tripulações ameaçavam se rebelar. Cabral não inspirava confiança. O pavor se espalhou.

Antônio, como a maioria, achava que a Terra era reta e que, se fossem se afastando muito para o lado, acabariam caindo da borda Lá se sabe onde.

Ouvindo Mestre João tentar convencer vários grupos de marujos aterrorizados de que não, a Terra era redonda. Mas quando perguntavam como é que as pessoas podiam viver de cabeça para baixo, ele não sabia explicar.

O gajo está calmo porque, como os morcegos, podem ficar pendurados pelas pernas.

Antônio cada vez tinha mais certeza. Como a desculpa de estudar o céu abaixo do Equador, Mestre João passava as noites no convés, e toda hora chamava a atenção para uma nova constelação em forma de cruz, como se tivesse medo dela.

Vigiava-o no silêncio da noite, vendo as tochas que assinalavam o resto da frota, esperando a oportunidade para apanhá-lo.

A 21 de abril cortaram imensos tapetes de algas. A 22, gaiotas emporcalharam as velas. À tarde, o vigia na cesta da gávea gritou:

– Terra à vista!

(...)

Quando Antônio saiu do barril encontrava a tripulação já de volta, agitada pelos mais espantosos acontecimentos. A chegada a uma terra estranha, com um povo de pele marrom, limpo e feliz, coberto de penas coloridas, pintado, andando nu e conversando com as aves. Mulheres lindas, peladas, com ossos espetados na boca. Gente que cuspi o vinho e temia as galinhas.

Antônio só via da amurada o contorno de uma grande montanha arredondada.

Frei Henrique Soares de Coimbra, que comandava os sacerdotes a bordo da nau-capitânia, rezou uma missa na sexta feira, dia 1º de maio, véspera da partida. Antônio desesperava-se de curiosidade. Naquela noite roubou em silêncio um bote e foi remando conhecer a grande ilha que já chamavam de Terra dos Papagaios.

A tripulação de quase todas as naus e caravelas estava ainda por lá, espalhada pela praia. Viu a grande cruz de madeira e as tochas espetadas na areia, as fogueiras assando peixes e raízes, e ouviu a cantoria bêbada.

(...)

Frei Henrique de Coimbra, com sua batina preta aberta, abraçava um índio por trás!

“O bom padre está a tentar pendurar um crucifixo no pobre selvagem”, pensou, mais nisso os dois se viram e... não havia dúvida. O frade estava com os dois enormes caninos cravados no pescoço do homem!<sup>33</sup>

**Fragmento 3:** Aqui o professor pode desenvolver discussões sobre as feitorias e colônias portuguesas na costa da África, como também o tempo de abandono pelo qual nossas terras passaram até a tomada da decisão de colonizar de vez essas terras. Conteúdos como as expedições guardas costa e de exploração, a extração do pau Brasil, administração colonial como o governo geral, o batismo da nossa terra com seus diversos nomes até o atual Brasil como também a presença de corsários, piratas no oceano e franceses em nossas terras.

(...) Que lugar era aquele? Na certa, uma ilha. Havia tantas pelo caminho. Canárias, Madeira, Açores, Cabo Verde...

(...)

Concluiu que, justamente por Portugal estampar o símbolo da cruz em tudo, das moedas às velas dos navios, os vampiros haviam se acostumados a ela. De qualquer forma, pelos atos que o papa e sua Igreja vinham praticando nos últimos mil anos, era provável que o criador já não quisesse ter nada a ver com aquela gente.

Logo após o pôr-do-sol do dia 2 de maio de 1500, ele saiu do barril, espreguiçou-se e começou a mancar pela areia em direção ao nordeste.

(...)

Depois de Cabral, os portugueses haviam retornado algumas vezes. Não raro ele via caravelas costeando o litoral para cima e para baixo.

Com os interesses voltados para o comércio com as Índias, um lugar tão fora de rota como aquele não mereceu muita atenção de Portugal. Vinham aqui apenas extrair a madeira utilizada como corante na manufatura têxtil, chamada de pau-brasil, conhecida dos europeus desde a época das cruzadas.

Antônio lembrava-se dos primeiros tempos, quando os índios cortavam e levavam as terras vermelhas para as praias. Pilhas e pilhas em troca de ferramentas de metal.

Foi então que ouviu pela primeira vez a palavra brasileiro, o que comercializavam o pau-brasil, e o nome Brasil ir aos poucos substituindo o oficial, Terra de Santa Cruz.

Aquela altura outras nações já chegavam às Índias regularmente. Portugal, perdendo o monopólio comercial na região, e com ele o poderio econômico e

<sup>33</sup> JAF, Ivan. *O vampiro que descobriu o Brasil*. São Paulo: Ática, 1999, fls. 14-19.

marítimo, percebeu que naquela terra exótica chamada Brasil, até então não aproveitada, estava a saída para seus problemas financeiros. Era preciso defendê-las.

Outros povos europeus já começavam a desembarcar por aqui, principalmente franceses. Os invasores ocupavam vilas, construindo fortes e aliciavam tribos.

A primeira providência do então rei D. João III, foi a criação de um governo-geral para o Estado do Brasil, unificando a administração.

Para isso, numa luminosa e quente noite de março de 1549, ancorou na costa brasileira uma armada composta por três naus e duas caravelas. Trazia escrivães, um provedor-mor, um ouvidor, vários funcionários públicos, padres jesuítas, quatrocentos soldados e seiscentos degredados, todos sob as ordens do primeiro governador-geral do Brasil, o fidalgo Tomé de Souza.

(...)

Mas a Coroa portuguesa resolveu fundar uma cidade no alto da montanha, de frente para a grande baía, bem em cima de sua cabeça.

Primeiro botaram a mata abaixo e trataram de erguer uma grande e oval muralha de taipa, com canhões apontados para todos os lados. No interior, traçaram ruas e praças, e ergueram prédios para a administração, casas e igrejas. E tanta pressa tinha que nisso ajudaram funcionários, mulheres, crianças e padres, além dos escravos índios, caçados a laço nas aldeias próximas, e negros, trazidos como carga das costas africanas. E assim, em 1º de novembro de 1549, declarou Tomé de Souza fundada a primeira capital do Brasil, e a chamou de Salvador.

(...)

Passou a espreitar os poderosos que gritavam em torno do governador-geral, na esperança de encontrar no corpo de um daqueles “homens bons”, como eram conhecidos os integrantes da elite, fazendeiros, grandes comerciantes, fidalgos e clero, a alma vaidosa do Velho.

(,,)

– Já disse que não me importa o que acontece do lado de fora dessa muralha – dizia o religioso.

– Mas o senhor podia percorrer as tribos, levando conforto às almas dos índios. Estão apavorados.

– Pois não sei nem se eles têm alma.

(...)

– Eles criam seus demônios, depois que os aturem. Deixe-me em paz<sup>34</sup>.

Como acabamos de ver e possível sim a utilização dos fragmentos da obra em estudo na sala de aula e como o próprio autor nos confirma isso só poderia ser possível pela escola do personagem imaginário do Vampiro. Segundo o próprio autor Ivan Jaf afirma: “O Vampiro surgiu da necessidade de contar os 500 anos do Brasil visto por um único personagem. Ele precisava ser imortal. Acho que me inspirei em tudo que já li e assisti sobre os vampiros. (...) Eu quis passar em revista a história do Brasil nesses últimos 500 anos, de uma maneira crítica e, espero divertida, como um incentivo a que os leitores se aprofundem mais no assunto”.

Sendo assim somente um imortal seria capaz de acompanhar toda a história do Brasil, e além do mais pelo período de 500 anos de nossa história, tendo a oportunidade de conhecer, conviver e interagir com várias culturas e comportamentos diferenciados que foram mudando evoluindo com as diferentes etapas presentes em todo decorrer de nossa história, de nosso país.

<sup>34</sup> JAF, Ivan. *O vampiro que descobriu o Brasil*. São Paulo: Ática, 1999, fls. 8-24.

Presenciando assim toda a evolução e crescimento de todo o desenvolvimento do processo político e econômico da nação que chamamos de Brasil como também toda a sua miscigenação de raças e misturas que compõe esse povo, bem como as diferenças sociais existentes no passado e que estão presentes em nossas terras enraizadas com firmezas até os dias de hoje.

A ideia de utilizar um vampiro foi fantástica porque só assim através desse personagem tivemos um único personagem principal que atravessasse tantos anos e séculos resistindo ao tempo a partir da imortalidade característica fundamental dos vampiros mesmo que para muitos isso se torne um fardo trazendo uma História do Brasil bem diferente daquela que estamos acostumados nos livros "oficiais". O que chamou a atenção nessa obra foi, o que para Gordon Melton (1995, p.102), é fundamental para a figura de um bom vampiro “o fato de que o vampiro era capaz de se entrosar na sociedade sem ser notado”.E em muitos casos passar mesmo que desapercibido mais de olhos bem atento presenciado tudo que o rodeia e esta em sua volta. Para Jaf o principal objetivo de sua obra é: “passar em revista a história do Brasil nesses últimos 500 anos, de uma maneira crítica e, espero, divertida, como um incentivo a que os leitores se aprofundem mais no assunto. Eu acredito que saber sobre a História do homem branco nestas terras faz a pessoa querer mudar as coisas, tentar impedir que elas não se repitam. “ sendo assim o objetivo central dessa narrativa constituída em terceira pessoa é, através de uma história bem humorada, estabelecer uma visão crítica de fatos marcantes da História do Brasil e por tanto mesmo precedendo da licença literária e artística que todo escritor o tem, percebesse claramente a preocupação do autor com a reconstrução do imaginário histórico em sua obra.

### **CAPITULO III – Sequência didática**

#### **“DESCOBRIMENTO” OU “CONQUISTA”: O QUE AFINAL ACONTECEU AQUI ANTES E PARTIR DE 22 DE ABRIL DE 1500.**

##### **Objetivo Geral:**

- ✓ Contribuir para o estudo dos conteúdos onde os alunos apresentam dificuldades na aprendizagem, com material didáticos de apoio diferente do livro didático e realizar atividades adicionais proposta em sala com o uso da literatura.

##### **Objetivos Específicos:**

- ✓ Identificar e caracterizar os fatos históricos estudados em aula.
- ✓ Explicar os processos dos episódios históricos, comparando situações do passado com o presente.
- ✓ Expor trabalhos pesquisados e opinião sobre os temas determinado fazendo o acompanhamento destas atividades e estudo.

##### **O que o aluno poderá aprender com esta aula:**

Compreender os acontecimentos que levaram os Portugueses às grandes navegações, suas conquistas até a chegada dos mesmos, aqui em terras brasileira destacando os fato que contribuíram para tal façanha mencionados na obra literária e como os mesmo se comportaram e o que fizeram aqui em nosso país no período de nossa colonização.

**Duração das atividades:** 6 Aulas de 40 minutos divididas em 3 etapas

##### **1º passo:**

Realizar uma conversa informal com os alunos sobre a obra literária em estudo “O vampiro que descobriu o Brasil”, seus personagem e como a história e contada e desenvolvida pelo autor fazendo assim uma sondagem de informações previa sobre o tema e conhecimentos dos mesmos pelos alunos.

**2º passo:**

Entrega os fragmentos previamente escolhidos pelo professor da obra literária e realizar se possível uma leitura silenciosa. Despertada a curiosidade dos alunos pode se realizar a leitura do texto na íntegra e depois com os próprios alunos realizar uma segunda leitura atenta de cada fragmento do livro discutido em sala com os alunos percebem e vão identificando os fatos e a forma como os mesmos são abordados na obra literária e como são retratados os conteúdos em estudos, identificando acontecimentos relevantes, personagens, feitos e fatos como também palavras desconhecidas, procurando-as no dicionário.

**Primeira etapa: Momentos que antecederam e impulsionaram as grandes navegações****Fragmento 1:**

**1º momento:** O professor pode trabalhar a partir desse fragmento as rotas comerciais descobertas pelos portugueses antes do descobrimento do Brasil conquistada pelo navegador Vasco da Gama ilustrando em sala o universo em que a Europa se encontrava nesse momento das grandes navegações e da economia mercantilista e o desejo dos portugueses em ter o monopólio comercial com as Índias.

**2º momento:** Pode também fazer um confronto e análise comparativa do fragmentos com trechos do poema épico os lusíadas de Camões publicado em 1572 que conta as façanhas de Vasco da gama.Pode explorar também a figura do rei na pessoa de Dom Manuel o “aventuroso” e o universo absolutista onde esse mesmo rei patrocinou tanto a expedição de Vasco da Gama quanto a de Pedro Álvares Cabral que cominou com o descobrimento do Brasil

**3º momento:** O professor também pode utilizar-se de inúmeras imagens e xilogravuras desse período como as de Théodore De Bry, 1592 que representa o porto de Lisboa de onde partiram essas grandes navegações e discutir ainda a crítica que o autor faz aos acordos políticos feitos desde essa época confrontando assim a informação com os dias atuais como também as diferenças na linguagem e no português falado aqui no Brasil e em Portugal.



Imagem: O porto de Lisboa Gravura de Théodore De Bry

Fonte: BUENO, Eduardo. *Terra à vista: a aventura ilustrada do descobrimento*. Porto Alegre: L&PM, 2003. Coleção Palavra da Gente. p. 42.

## **Segunda etapa: O encontro entre dois mundos: A chega dos portugueses aqui na America**

### **Fragmento 2:**

**1º Momento:** O professor pode desenvolver atividades envolvendo a forma como os navegadores viviam dentro das caravelas e suas dificuldade com a falta tanto de comida e de higiene o que acometia a maior parte da tripulação com doenças levando muitos a morte como também a importância que o vinho tinha nessa época.

**2º Momento:** Trabalhar a figura do navegador Mestre João trabalhado humoristicamente pelo autor mais descrevendo a importância desse marinheiro também descrita pela historiografia. Falar sobre as feitorias que são citadas na costa da África também podem ser problematizadas fazendo um gancho com o fragmento anterior sobre a descoberta da rota para as Índias.

**3º Momento:** Explicar e discutir em sala as descobertas científicas da época no campo da astronomia e também as teorias científicas de Nicolau Copérnico e Johannes Kepler tanto sobre a Terra ser redonda e não reta como era o pensamento da época e de que a mesma gira em torno do Sol.

**4º Momento:** Aqui também pode ser desenvolvido um trabalho de comparação e descrição com relação aos habitantes da nova terra conquistada e seu modo de vida com o dos portugueses elencando diferenças e semelhanças nesses modos e nas descrições do texto

como também confrontar as descrições dos fragmentos com algumas xilogravuras de Jean de Léry.

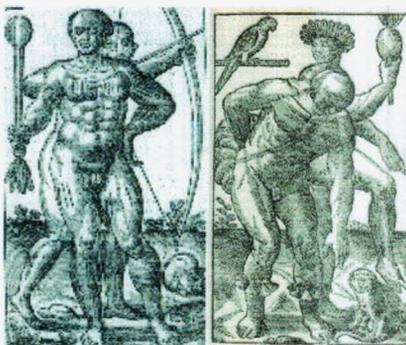


Imagem: Xilogravuras de Jean de Léry

Fonte: BUENO, Eduardo. *Terra à vista: a aventura ilustrada do descobrimento*. Porto Alegre: L&PM, 2003. Coleção Palavra da Gente. p. 10.

Como também a grande força que a religião tinha nesse contexto da época – principalmente a igreja católica com a missão de catequizar o gentil e indígenas representado no ato e na realização da primeira missa na nova terra – percebe-se aqui em forma de humor o escritor também faz um crítica aos atos que a igreja praticava nessa época condenando a forma como vivia os indígenas e suas tradições.

### **Terceira etapa: A cruz e o machado: administração e colonização da nova terra**

#### **Fragmento 3: terceira aula**

**1º Momento:** Professor pode problematizar nesse fragmento de diversas formas desde o desinteresse dos portugueses em colonizar e explorar a nova terra por ela esta fora da rota do caminho para as índias e também o abandono que foi dado a essa localidade ate as expedições guarda costas e de exploração .

**2º Momento:** pode se trabalhado a forma como o pau-brasil foi explorado, voltado à manufatura têxtil, a mão de obra utilizada na extração dessa madeira, a importância da mesma para a criação do nome dado ao nosso país, pode ser problematizado aqui também que mesmo com o tratado de Tordesilhas que dividia o mundo entre Portugal e Espanha e mesmo assim franceses já davam umas passadinhas por nossas terras.

**3º Momento:** explicar em sala e falar sobre os ataques dos corsários e dos piratas e algumas expedições organizadas pelos franceses como Nicolas Durand de Villegaignon. As formas de governo e administração adotadas pelas coroas citadas apenas o governo geral mais que o professor a partir dele pode trabalhar também o sistema de capitanias hereditária e a fundação das primeira vilas e cidades. A fundação da primeira capital do Brasil e vida e o universo social presente aqui na colônia e as distinções de classes como “homens bons” e o índio tido como incivilizado, sem jeito, sem modos e sem fé, portanto, um problema a ser resolvido “dominá-los”.

**Avaliação:** Os alunos poderão ser avaliados pelo professor a partir de sua participação nas atividades e debates nas discussões em sala, como também pelo cumprimento dos exercícios desenvolvidos pelo professor utilizando o material descritos ou outros critérios de avaliação que possam ser aplicados junto aos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta, desde a leitura do mundo à leitura das letras. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com livros ou não, enfim, de certa forma, lendo – embora, muitas vezes, não nos demos conta dessa atividade tão presente em nossa vida. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê e vê. De acordo com Angela Kleiman (1992), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos lingüísticos sem a compreensão semântica, textual e de significação e interpretação dos mesmos.

Sendo assim não nos resta dúvida de que os diferentes processos de leituras permeiam todas as ações e fazem parte de todo o processo de construção do conhecimento do mundo e como sabemos, a leitura é um pré-requisito fundamental para o aprendizado, principalmente para o conhecimento histórico e compreensão dos fatos pois quando se lê se recebe uma determinada mensagem e como consequência se reage a ela envolvendo um trabalho de recepção, recebimento de significados e compreensão do que foi lido, estimulando nos assim a compreendermos pensamentos, explicações e conteúdos que sempre nos são apresentados a cada momento. Esse estudo permitiu compreender, também, que é tarefa principal do professor buscar incessantemente as mais diversas formas de interagir e melhorar a sua formação teórica e experiências conseguida no dia a dia não apenas em sua formação, formal e obrigatória, mais também no fazer e no ser professor, a qual lhe permitirá conhecer os diferentes métodos, meios e maneiras de ensino da historia e, a partir desse conhecimento, fazer as escolhas e definir os seus método que venha a contribuir com suas concepções não apenas de educação, mas principalmente, do ensino da historia.

Assim como na literatura onde todas as historia já existe e o que muda é a forma como são contadas e escritas. Os estudos estão aí com uma infinidade de publicações dos mais variados temas e assuntos a nossa escolha. Seja qual for a escolha do Método, o objetivo, os interesses a ser alcançados que se busca nas aulas de historia seus sentido não são apenas estético, mas que de uma forma clara, mesmo que gradativamente não se transforme apenas em uma prática fechada e dominada a uma determinada área de conhecimento ou disciplina e

sim que se torne uma prática social, cultural e interdisciplinar .

É nesse sentido, e dessa forma, que se espera que este trabalho tenha contribuído, ainda que em pequenos passos e modestamente, para que os futuros professores e as escolas sejam e se tornem um espaço criativo e vivo, que eles estejam ligados e conectados com o mundo lá fora e com o seu próprio mundo, pois como vimos essa simples obra literária ficava lá, jogadas as traças e a poeira e quantas delas na estão aguardando por alguém que as abra e as vejam com outros olhos não apenas de um livro chato.

Conscientes de que em quanto educadores nos tornamos o grande responsável pelas mudanças no dia-a-dia escolar, e de que encontraremos esses novos companheiros em sala de aulas o nosso principal papel em quanto educadores é integrar os mais diversos campos do conhecimento ao nosso dispor, assim esse trabalho buscou integrar a história junto com as outras áreas do conhecimento possíveis de dialogarem entre si não apenas com literatura como vimos que é possível. Visando a utilização de materiais diversos onde as obras literárias são apenas mais um elemento e um possível material didático para ser utilizado em sala como fonte para o estudo da história buscando uma nova forma, havendo uma interdisciplinaridade, inovando na grande trama educacional que são as atividades, as ações no processo desenvolvido pelo educador em suas funções onde o conhecimento pode ser edificado a partir da união de diversas formas e meio de informações veiculada no dia a dia e não em disciplinas separadas uma das outras em currículos pré-estabelecidos em nossas escolas.

A oportunidade de trazer o vampiro à sala de aula na disciplina de história foi uma oportunidade de trazer à imaginação do alunado para junto com a literatura poder criar, junto com os mesmos a historicidade de várias épocas através das visões de vários autores e, principalmente das várias oportunidades que irão se coadunar com o já inculcado em suas mentes pela própria mídia, que se encarrega de junto com a literatura ir auxiliando essa criança a crescer dentro das suas experiências e da ampliação de seu conhecimento.

A partir do conhecimento das diversas concepções de materiais, de documentos, de textos, músicas, poemas, charges, gravuras, memória, leituras é possível ampliar, pluralizar e melhorar, um pouco mais as situações de aprendizagem em sala de aulas consideradas chatas e sem graça pela maioria dos alunos. Visando um melhor entendimento na complexidade do ato de ensinar e aprender que deve ser entendido e compreendido em quanto uma troca. Dessa forma, podemos perceber que o estudo da história não se limita apenas a leitura, a compreender processos diversos e complementares, pela qual foi possível passar uma sociedade. Mas sim a atribuir sentido, interpretações, compreender e perceber diversos pontos de vista que são construídos tanto por aspectos cognitivos individuais e coletivos, como por

aspectos sociais comuns não apenas a história, a cultura, a ideologia e sim a uma compreensão que se tem não apenas do mundo e do que se vive em um diálogo que se estabelece com diversas formas de conhecimento que como vimos não surge apenas dos textos didáticos que nossos alunos em muitos casos são obrigado e acometidos da árdua tarefa de como os mesmo dizem, que por obrigação são lidos.

Enfim, aprender a ensinar e aprender a aprender é um processo permanente e contínuo que não se inicia apenas na escola, mas em casa, no pátio, na rua e nos mais diversos momentos que possam ser atribuídos e percebidos momentos de aprendizagem, num processo contínuo e sempre em construção, mais que não pode deixar de ser percebido e desenvolvido no espaço escolares e sociais, uma vez que pressupõe também habilidades que são pertinentes como conteúdos e outros elementos teóricos metodológicos que são da competência da academias e das escolas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, J. Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

ALMANAQUE DISNEY. Editora Abril. n. 182, 23 jul. 1986

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COSTA, D. Dr. *Polidori, Stoker, Rice: As metamorfoses do mito do vampiro nos séculos XIX e XX*. Revista Garrafa (PPGL/UFRJ. Online). Rio de Janeiro, v. 02, p. 06-12, 2004.

DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/276763>. Acesso em: 13 out. 2009.

*Drácula de Bram Stoker*. Adaptação de Anna Claudia Ramos. São Paulo: Scipione, 2004. Série Reencontro Infantil.

*Drácula de Bram Stoker*. Adaptação de Laura Bacellar. São Paulo: Scipione, 2003. Série Reencontro Literatura.

DRÁCULA versus HERÓIS MARVEL. Editora Abril Jovem. n. 2.

ESTANISLAU, Lídia Avelar. *Drácula*, de Bram Stoker. In: GUIMARÃES, Euclides. (et al). *Os deuses e os monstros*. Belo Horizonte: Autêntica; PUC Minas, 2001. p.47-69.

FLORESCU, Radu. *Em busca de Drácula e outros vampiros*. São Paulo: Mercuryo, 1995.9.

JAF, Ivan. *O vampiro que descobriu o Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

MELO, F. *Vampiros e Vampirismo*. Publicado em 29 out. 2006. Código do texto: T276763.

MELTON, J. Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: I.&PM, 1997.

## SITES PESQUISADOS:

<http://wickedtwins.wordpress.com/category/top-5/page/9/>

[http://www.sebodomessias.com.br/Loja/\(S\(bsebf45hagibkids5bfgzud\)\)/detalheproduto.aspx?idItem=475895](http://www.sebodomessias.com.br/Loja/(S(bsebf45hagibkids5bfgzud))/detalheproduto.aspx?idItem=475895)

<http://www.cotacota.com.br/draculinha-no-pantanal>

<http://www.grifonosso.com/2011/08/vampiro-a-mascara/>

<http://www.editoras.com/obietiva/710-x.htm>

<http://pausaparaaleitura.blogspot.com/2010/12/as-cronicas-vampirescas-anne-rice.html>

<http://oentretido.blogspot.com/2009/02/literatura-anne-rice.html>